ANO 23.º QUINTA-FEIRA, 13 DE JANEIRO DE 1944 N.º 7592

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 50 CENTAVOS
Editor—JOAO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇAO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

PRESENÇA DUM AUSENTE

Para falar ou escrever sobre a obra dum poeta que verdadeiramente o seja (e tambem sobre a poesia em geral) exige-se, antes de mais nada, creio eu, plena e perfeita libertação e isenção de quaisquer preconceitos, conceitos e limitações de escolas literarias.

Dizer, por exemplo, em obediencia a doutrinarismos de ocasião—e todos os doutrinarismos são de ocasião,e nunca deram nem tiraram valor áquilo que, de facto, o tem—dizer e sustentar que o autentico poeta é Paul Valéry e não Victor Hugo, Antonio Nobre e não Junqueiro, parece-me infantilidade ou erro sem desculpa. Embora a minha humilde opinião pese aos criticos atreitos a preferencias efemeras, Victor Hugo e Valéry, Junqueiro e Antonio Nobre, ficaram sendo, em tudo e por tudo, poetas de prestigiosa, incontestavel e incontestada grandeza. Sempre? Em todas as paginas dos seus livros? Em todas as estrofes e ritmos dos seus poemas? Claro que não. Mas em todos os momentos através de cuja emoção atingiram a inteira afirmação das suas personalidades ou, melhor, do seu genio ou talento. Muitos ou poucos, esses momentos é que valem perante o futuro, quando não, desde logo, perante os proprios contemporaneos.

O admiravel «Cancioneiro do Ausente», *de Ribeiro Couto, é que me conduziu o espirito a tão simples e sinceras reflexões a proposito da poesia. E porquê? Porque não ha modo de dar a este livro, irradiante do mais puro e nobre lirismo, etiqueta ou rotulo que lhe restrinja o sentido de bondade ou doçura humana, que demarque fronteiras ao seu impeto de abranger e abraçar o universo dos seres e das coisas, que lhe diminua a primaveril veemencia de sentir e de sonhar, que lhe enfraqueça a ansiedade de se perder e de se encontrar nos mais longinquos ou incertos horizontes onde porven-*

JOÃO DE BARROS

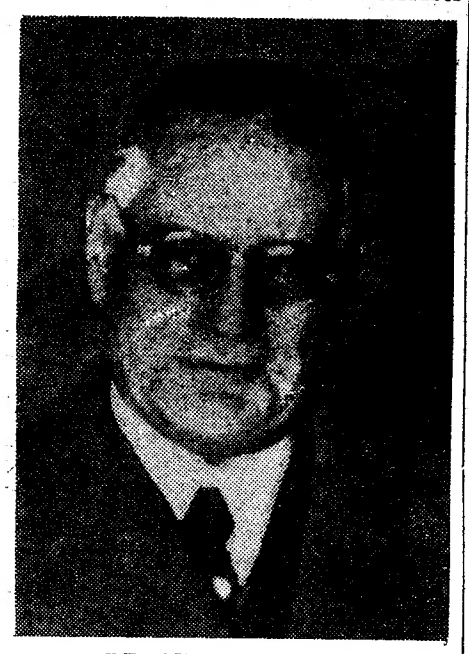
(Lêr cont. na pag. seguinte)

O dr. Azevedo Neves

assumiu a presidencia da Academia das Ciencias

Foram conferidas

as «Palmas de oiro» ao dr. Osvaldo Aranha



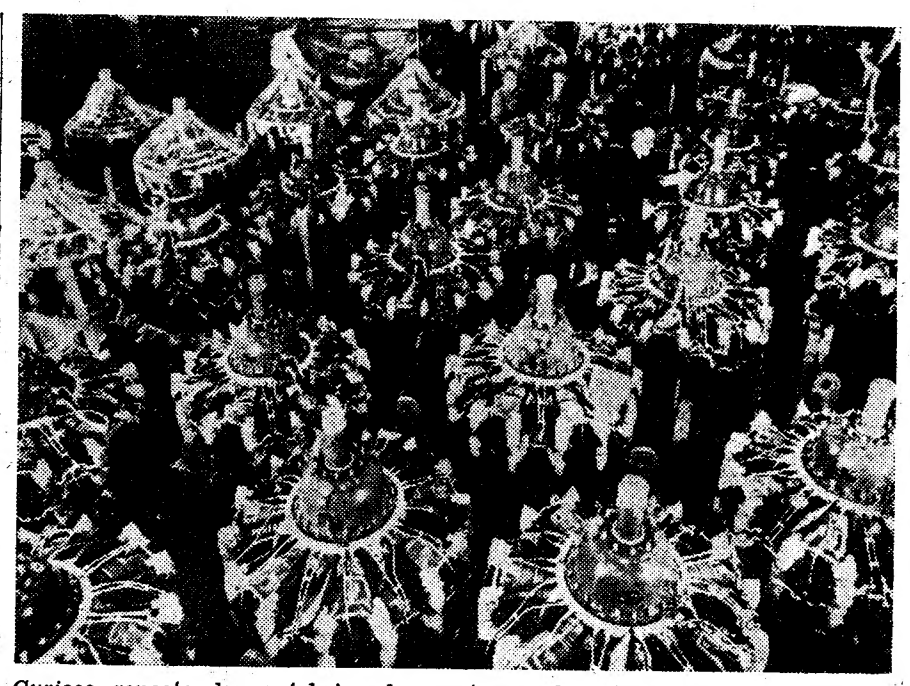
DR. AZEVEDO NEVES

A Academia das Ciencias de Lisboa inaugurou hoje o seu ano academico, com a cerimonia da posse do novo presidente, para 1944, professor dr. Azevedo Neves, socio efectivo desde 18 de abril de 1929, depois de ter sido socio correspondente desde 18 de julho de 1907.

Presentemente, não existe vaga alguma nas quarenta cadeiras que tantas são as das duas classes—de letras e de ciencias. Durante o ano passado foram preenchidas as duas vagas que existiam, uma na secção de ciencias fisico-quimicas, da classe de ciencias, para a qual foi

(Lêr cont. na pag. seguinte)

O numero de hoje
do «DIARIO DE LISBOA»
é de 12 páginas



Curioso aspecto duma fabrica de montagem de aviões nos Estados Unidos, que á primeira vista pode parecer a «sala de torturas» dum cabeleireiro de senhoras

As últimas palavras dos condenados de Verona

LONDRES, 13 — A radio de Roma, referindo-se á execução dos chefes fascistas condenados, disse: «Antes de caírem, crivados de balas, alguns deles gritaram: «Viva a Italia! Viva o Duce!».—(Reuter).

Cervaro

caiu ontem em poder *do 5.º Exército*

LONDRES, 13 — O correspondente especial da Reuter junto do Q. G. dos Aliados no norte de Africa, John Talbot, escreve:

«Forças americanas do 5.º Exercito ocuparam Cervaro, ás 13 horas de ontem.

E' esta a primeira noticia que confirma, por parte dos Aliados, a ocupação de Cervaro, que fica a 3 quilometros a noroeste de San Vittore e que era a ultima posição defensiva dos alemães antes de Cassino.

A conquista de Cervaro realizou-se depois das forças americanas terem concluido as operações de limpeza no monte Capraro, onde os alemães ofereceram energica resistencia. Ocupando esta montanha, que domina do norte e do nordeste Cervaro, a queda desta era inevitavel. Tropas francesas do 5.º Exercito reconquistaram o monte Rein, ao nordeste de Acquafondala, e tambem o monte Molino, a sueste. Agora, depois da queda de Cervaro, tropas britanicas e americanas apertam o cêrco a Torcchio». — (Reuter).

A 1.500 metros de Cassino

LONDRES, 13.—Existe agora apenas uma barreira entre o 5.º Exercito e o desfiladeiro de Cassino que guarda a estrada para Roma. Segundo uma emissão feita hoje pela radio de Marrocos as forças aliadas encontram-se agora a menos de quilometro e meio da cidade. John Talbot, nosso correspondente especial junto do Q. G. Aliado do norte de Africa, disse hoje que as tropas francesas tinham lançado um violento ataque nas montanhas do sector norte da frente do 5.º Exercito e que reconquistaram alturas a nordeset e sueste de Acquafondata. Foi confirmada a conquista de Cervaro.—(Reuter).

MEIO SÉCULO DE JUSTIÇA

A sombra de fantasmas que sobe dos processos julgados na Boa Hora

O velho casarão da Boa Hora! Ao entrar-se nêle e ao olhar para aquelas paredes, e ao percorrer aqueles corredores, e ao respirar o ar bafiento que neles circula e ao pisar aquele chão, onde os passos que damos têm um som cavo e misterioso—sentimos, como que por estranho fenomeno, uma sensação tumuiar. Pensamos, por momentos: Somos nós? Ou já o nosso fantasma? E aquela papelada, que nos fita, afigura-se-nos soltar uma gargalhada sarcastica e dizer-nos em tom de mofa:

—Querieis desvendar-nos os misterios, agitar os miasmas que nos envolvem, sondar a parte do passado que representamos? Audacia vã! Como o tumulo de Tut-Ank-Amon prevenimos implacaveis: aquele que pretender deitar abaixo a muralha altiva de misterio que nos isola, sucumbirá fatalmente!

... E um não sei quê de milenario e espectral parece que nos subjuga. Pressentimos que algo de intransponivel se coloca na nossa frente!

O que nos levou, finalmente, á Boa Hora? A missão do jornalista é como um oceano sem fundo—pois quanto mais ele perscruta, mais vê o que lhe falta perscrutar... Trabalho ingrato o seu! Agita todos os assuntos, lança-os a publico—e muitas vezes o melhor fica-lhe por dizer...

Que processos curiosos, dignos de registo, estariam gravados na memoria de certos funcionarios da velha guarda do famoso tribunal? Palpando o terreno, que se nos deparava, acabamos então por ouvir da boca de alguns um relato assaz curioso.

Diz-nos, por exemplo, o escrivão sr. Caetano Ferreira, que há um par de anos exerce, ali dentro, as suas funções:

—Olhe, vim para aqui muito garoto e coisas há de que me lembro imperfeitamente. Posso contar-lhe, no entanto, que sou do tempo do processo do Credito Predial, uma questão em que se debatiam interesses de grande volume monetario, intervindo nêle os advogados mais distintos da epoca. Gastaram-se rios de dinheiro em papel selado e custas. Só depois de implantada a Republica essa montanha terminou com as reformas postas em vigor para o crime, pelo Govêrno Provisorio. Era então escrivão do processo e do antigo 2.º Distrito—e ambos já extintos—o sr. Brito Borges.

Alguem, presente á conversa, ajuda a relembrar:

—Esse processo foi dos mais retumbantes dos ultimos tempos da Monarquia! Deu origem até aos ataques violentos de que foi alvo, inclusive na Imprensa, José Luciano de Castro. Processo enorme e em que se ocuparam sete pessoas só a tirar traslados! Abaixo do Angola e Metropole, é o mais volumoso.

(Lêr cont. na 7.ª pag.)

PRESENÇA DUM AUSENTE

(Continuação da página anterior)

tura alvoreçam a graça, a beleza e o amor. «A alma espontanea e bôa», *de Ribeiro Couto — quem de tal sorte a qualifica é o terrivel Agripino Gricco—erguese no* «Cancioneiro do Ausente» *(dum ausente que está presente a todas as formas e essencias da terra e do ceu) a remigios de larga, envolvente e apaixonada ternura. Mais uma vez, como nos seus poemas anteriores, aqui se revela e manifesta* «uma profunda comunhão no espectaculo do mundo, a apropriação de toda a riqueza emocional da Vida». *Riqueza que outra riqueza—a da extraordinaria, envolvente e vigilante sensibilidade do poeta—soube recolher e interpretar em musicas e imagens de sortilega harmonia e de aguda sugestão. Mergulhar na poesia, no lirismo sempre comovido e comovente do* «Cancioneiro» *é como que penetrar numa diafana, cristalina atmosfera de candura, florida de estrelas e sulcada de sois, em cujo ambito nenhum coração jamais conhecerá um dia pobre de esperança, ou uma noite que não caminhe para a alegria redentora da madrugada. Maravilhoso poeta, que a poesia nunca abandona!* «Repouso de todas as duvidas, acalenta de conformados» *e, acrescento eu, de inconformados—o lirismo de Ribeiro Couto, pela magia da arte e pela* inocencia *da inspiração, desperta em nós a infancia adormecida. E, despertando-a, de novo nos aponta e descobre os castos amanhãs de fé, de entusiasmo, de sonho e de paixão, que todo o homem digno do nome de homem nunca deixa de querer, procurar e desejar.*

J. de B.

PORTUGAL NO ESTRANGEIRO

Referencias da Imprensa francesa

«Midi Colonial», de Marselha, iniciou, no seu numero de 18 de Novembro findo, a transcrição, que tem continuado nos numeros subsequentes, do discurso do Chefe do Govêrno Portugus, intitulado: «Os principios e a obra da Revolução Nacional no momento interno e no momento internacional»—discurso êste que tão larga repercussão teve no estrangeiro. O jornal faz preceder a referida transcrição das seguintes palavras: «A magnifica obra que o Presidente Salazar realizou em Portugal é conhecida de todos e não temos necessidade de a relembrar aos nossos leitores. Mas no momento em que a França atravessa uma das crises mais graves da sua historia e corre um perigo que só será vencido pelo esfôrço conjugado de todas as boas vontades, pareceu-nos oportuno reproduzir um discurso pronunciado pelo Presidente Salazar em abril passado e no qual o grande Estadista define os principios da Revolução Nacional que, salvando Portugal da anarquia, abriu para o país uma era de paz interna e de prosperidade. O pensamento de Salazar ultrapassa as fronteiras portuguesas para dar ao mundo uma lição de inteligencia e a nós proprios um belo exemplo».

DESASTRE MORTAL

com arma de fogo

VALPAÇOS, 13.—Na povoação de Tinhela, dêste concelho, quando os jornaleiros Antonio Ferreira e Matias Augusto, solteiros, ambos de 21 anos, estavam a examinar uma pistola, esta disparou-se indo o projectil atingir Matias Augusto, que sofreu perfuração dos intestinos.

Conduzido ao hospital de Chaves, faleceu horas depois. O causador involuntario desta desgraça entregou-se ás autoridades.

LUSO

PALACIO DE S. ROQUE
NOITE DA MODA

Hoje é noite de verdadeiro fado castiço, no seleccionado LUSO; lá está a cantar a linda letra «A Moleirinha» a Rainha do Fado castiço ERCILIA COSTA e os CATEGORIZADOS artistas DEOLINDA DE SOUSA, RESSURREIÇÃO NASCIMENTO, ALICE D'OLIVEIRA, LINO TEIXEIRA, FRUTUOSO FRANÇA e FERNANDO MADUREIRA. EM solos, Jaime Santos e Martinho Assunção. ANIMA esta encantadora noite de ARTE o Marialva do Fado, FILIPE PINTO. O LUSO tem frequencia distinta NACIONAL e ESTRANGEIRA.

Ercilia Costa

PEQUENAS NOTICIAS

PELA POLICIA

CHEQUE SEM COBERTURA — O sr. Antonio Pinheiro dos Santos, residente no Porto e acidentalmente em Lisboa, queixou-se á P. I. C. contra um individuo a quem vendeu determinada mercadoria na importancia de 17.500$00, recebendo, como pagamento, um cheque sem cobertura.

FURTO DUM TAPETE—Foi preso Celestino Cristovão de Melo, apanhado em flagrante, quando roubava, do Instituto Superior Tecnico, um tapete de grandes dimensões, em aluminio e ferro. A Policia de Segurança suspeita que o preso seja autor do furto de três tapetes das mesmas dimensões, que há tempos dali desapareceram.

EM FLAGRANTE—Domingos Pinto, conhecido pelo «Perigoso», foi preso, em flagrante, quando metia as mãos nas algibeiras dum passageiro que seguia num «electrico», para lhe furtar a carteira.

COM O PÉ NO ESTRIBO—Ontem foram presos 23 individuos, quando seguiam dependurados nos estribos dos carros electricos.

FURTO DE ARTIGOS DE AUTOMOVEIS—Foi preso Augusto dos Santos Nogueira, acusado de ter furtado varios artigos de automoveis, no valor de 1.500$00, que vendeu ao desbarato.

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provavel amanhã em Portugal:

NORTE—Vento S, mudando para W, moderado a fresco. Chuva fraca e nevoeiros, e mais tarde aguaceiros. Descida de temperatura.

CENTRO E SUL—Vento SE a S, moderado. Temperatura sem grande alteração.

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje, até ás 16 horas:

Maxima, 16º; minima, 9º.. No mesmo dia do ano passado: *maxima, 15º,7; minima, 11º,7.*

General Eduardo Marques

O sr. general Eduardo Marques, presidente da Camara Corporativa, veio ontem ao «Diario de Lisboa», acompanhado pelo sr. Joaquim Leitão, secretario geral da Assembleia Nacional, agradecer o justo interesse com que acompanhámos a evolução da sua enfermidade, proveniente do grave desastre que sofreu recentemente e de que, felizmente, se encontra já restabelecdio. Agralecemos, por nosso turno, a amabilidade do ilustre colonialista.

MINISTRO DO INTERIOR

O sr. ministro do Interior recebeu hoje os srs. governadores civis de Aveiro e de Coimbra.

O «Diario de Lisboa», vende-se na Papelaria Saitam, Batalha.

DE LUTO

D. Julia Ribeiro Braga Freitas

Faleceu a sr.ª D. Julia Ribeiro Braga Freitas, de 68 anos, natural de Lisboa, casada com o sr. Augusto Casimiro de Freitas, empregado bancario. O funeral a cargo da agencia SRAF, realizou-se hoje, ás 16 horas da sua residencia, rua Senhora da Gloria, 100, r/c., para o cemiterio do Alto de S. João.

D. Ermelinda Lourenço

Na sua residencia rua Antonio Pedro, 48, 1.º, faleceu a sr.ª D. Ermelinda Lourenço, de 55 anos, natural de Albegurinha, Alenquer.

O funeral, a cargo da agencia Salgado, realiza-se ámanhã, ás 11 horas, para o cemiterio do Alto de S. João.

Manuel José Pires Fernandes

PORTO, 13.—Esta tarde realizou-se na igreja da Trindade uma cerimonia religiosa por alma do empresario do Rivoli, sr. Manuel José Pires Fernandes. Assistiram numerosas pessoas que seguidamente se incorporaram no funeral, que saiu daquele templo.

O PROF. JULIO PALACIOS

fez hoje a sua primeira lição na Faculdade de Ciencias

Na Faculdade de Ciencias está a realizar-se, á hora de fecharmos o nosso jornal, a primeira conferencia do professor Julio Palacios vice-reitor da Universidade Central de Madrid, que fala hoje da «Adsorção como origem das forças electro-motrizes. Factos e teoria termodinamica». Amanhã e depois, no mesmo local e á mesma hora, o professor Julio Palacios fará mais duas conferencias, respectivamente acêrca da «Aplicação da mecanica estatica dos fenomenos de adsorção. Verificação experimental» e da «Teoria termodinamica da magnetostricção. Verificação experimental».

PRISÃO DE 12 GATUNOS

de roupas e criação

Pelas brigadas da secção de Justiça da P. S. P. foram presos doze individuos que se dedicavam ao furto de criação nas capoeiras dos quintais de varias residencias e de roupas estendidas a secar nas varandas das janelas. São eles Alfredo Luiz Fernandes, Antonio Costa, Domingos Machado Santos, Eduardo Francisco Moreira Guerra, José Gabriel Vasconcelos, Galvão, José Silva Maia, Carlos Pinto, Cesar Simões Craveiro, Olivia do Rosario, Maria Anjos Rodrigues Oliveira, Justina Machado Costa e Palmira Machado Pinto. Os presos foram todos enviados ao Torel, com os respectivos autos de declarações.

A explosão do forte da Ameixoeira

Saiu hoje do hospital de S. José, com alta, o 1.º cabo de Infantaria 1, n.º 989, Armando Loureiro, uma das vitimas da explosão do Forte da Ameixoeira.

Escutai estas emissões

NOTAI A NOVA EMISSÃO EM 261.1 m. — 1149 KC/S

08.45 — 09.00 Noticiario	49.92	m. — 6.01	mc/s
	41.96	m. — 7.15	mc/s
	31.61	m. — 9.49	mc/s
	31.41	m. — 9.55	mc/s
	25.42	m. — 11.80	mc/s
	19.76	m. — 15.18	mc/s
13.15 — 13.30 Noticiario	49.92	m. — 6.01	mc/s
	41.96	m. — 7.15	mc/s
	31.61	m. — 9.49	mc/s
	31.41	m. — 9.55	mc/s
13.30 — 13.45 Actualidades	25.42	m. — 11.80	mc/s
	19.76	m. — 15.18	mc/s
	16.84	m. — 17.81	mc/s
18.45 — 19.00 Voz d'America	49.92	m. — 6.01	mc/s
	41.96	m. — 7.15	mc/s
	31.61	m. — 9.49	mc/s
	31.41	m. — 9.55	mc/s
19.00 — 19.15 Noticiario	25.42	m. — 11.80	mc/s
	19.76	m. — 15.18	mc/s
	261.1	m. — 1.149	kc/s
21.15 — 21.30 Noticiario	49.92	m. — 6.01	mc/s
	41.96	m. — 7.15	mc/s
	31.75	m. — 9.45	mc/s
	31.61	m. — 9.49	mc/s
21.30 — 21.45 Actualidades	31.41	m. — 9.55	mc/s
	25.42	m. — 11.80	mc/s
	261.1	m. — 1.149	kc/s

ACADEMIA DAS CIENCIAS

(Continuação da pag. anterior)

eleito o socio correspondente, desde 1934, o professor dr. Herculano de Carvalho, e outra na secção de filologia da classe de letras, para a qual transitou o sr. dr. Julio Dantas, academico de merito, da secção de belas-letras, que, por sua vez, foi substituido na sua antiga cadeira pelo sr. dr. Eduardo Schwalbach, eleito academico de numero, e que era correspondente desde 1894—fez meio seculo no passado dia 4.

Além dos quarenta academicos efectivos existem mais dois, «emeritos» desde 1929, os professores dr. Gama Pinto, na classe de ciencias, e dr. Bernardino Machado, na classe de letras (socio correspondente desde 1891, e efectivo em 1917, o mais velho e o mais antigo academico).

Vice-presidente da Academia para 1944 é o sr. dr. Julio Dantas, presidente da classe de letras, como o sr. dr. Azevedo Neves é o presidente tambem da classe de ciencias.

A sessão plenaria de hoje abriu cêrca das 16 horas, ocupando a presidencia o sr. dr. Julio Dantas. Assistiram muitos academicos.

O sr. dr. Julio Dantas referiu-se á assinatura da convenção ortográfica com o Brasil, saudando o Govêrno português, o sr. dr. Oliveira Salazar e o sr. dr. Mario de Figueiredo, e ainda o sr. dr. João Neves da Fontoura, embaixador do Brasil.

Em seguida, por proposta do sr. dr. Julio Dantas, a Academia conferiu, por aclamação, as «Palmas de oiro» ao chanceler brasileiro dr. Osvaldo Aranha, ministro dos Negocios Estrangeiros do Brasil, como preito de agradecimento pela sua intervenção na assinatura da convenção. E o orador fez depois o elogio do sr. professor Azevedo Neves, a quem saudou, em nome da Academia das Ciencias, convidando-o a assumir a presidencia da sessão.

O sr. dr. Azevedo Neves pronunciou, então, um discurso salientando a importancia da Academia na vida cultural portuguesa, e o seu imenso prestigio, fazendo o elogio do sr. dr. Julio Dantas, presidente cessante, do sr. dr. Moreira Junior, vice-presidente, e do sr. Joaquim Leitão, secrtario da Academia das Ciencias.

Antes da sessão plenaria reuniu-se a classe de ciencias para a troca de poderes da presidencia da classe, que passou do sr. professor Moreira Junior para o sr. professor Azevedo Neves, trocando-se nessa altura palavras de saudação, após o que o sr. D. Antonio Pereira Forjaz apresentou a sua comunicação sôbre «Um trienio cientifico na 1.ª classe da Academia».

A' hora de fecharmos esta noticia, a sessão plenaria decorre com assinalado brilho. Pediram a palavra para falar sôbre a assinatura da convenção ortografica os srs. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, Joaquim Leitão, dr. Luiz Cunha Gonçalves, general Oliveira Simões e dr. Queiroz Veloso.

GATUNOS DE «MOSCO»

As brigadas da Secção de Justiça continuam na sua ofensiva contra os gatunos denominados, na giria policial, de «mosqueiros», os quais, por meio de chave falsa, têm praticado varios furtos. Foram presos e enviados ao Torel, por êsse motivo, Manuel Gonçalves e Manuel de Barros Ramos, a quem foram apreendidas dezenas de cautelas de penhores e um molho com 40 chaves. Foi tambem presa Renata Magna Ramos, que procedia á venda e empenho dos furtos. Entre as casas roubadas por este processo figuram as do sr. João Baltazar, rua do Terreirinho, 3, 3.º, da sr.ª D. Maria da Conceição Casquinha, na travessa das Fontainhas, a S. Lourenço, 5, 1.º, onde fizeram uma autentica razia em roupas e varios objectos.

NOVO ANO JUDICIAL

Foi transferida de 17 para 24 a data para a sessão inaugural do novo ano judicial.

TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

BAILADOS PORTUGUESES

VERDE-GAIO

TRÊS ÚNICOS ESPECTACULOS

com a colaboração da **Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional,** sob a Direcção do MAESTRO FREDERICO DE FREITAS

HOJE, 13, às 21 horas e 30

MURO DO DERRÊTE - D. SEBASTIÃO - IMAGENS DA TERRA E DO MAR

FRANCIS GRAÇA, Ruth Walden e CORPO DE BAILE

Coregrafia e Encenação de **Francis Graça**

Bilhetes á venda a partir das 13 horas.

Frisas, 150$00; Camarotes de 1.ª, 160$00; de 2.ª, 120$00; de 3.ª, 80$00; Torrinhas, 50$00; Plateia, 30$00; Balcão de 3.ª, 15$00; de 4.ª, 10$00; Varandas, 6$00.

Não há entradas de favor

CRISTAL

BAR-DANCING — DA MODA —

HOJE, ÁS 23 H.

MURILLO

COM O MAIS APLAUDIDO VOCALISTA

JOSÉ SEGARRA

PILARIN AVELLAN

O BAR MAIS CHIQUE DE LISBOA

ORQUESTRA

CRISTAL

GRANDES ATRACÇÕES INTERNACIONAIS

OS REIS DO BAILE CLASSICO ESPANHOL

Albano Zuñiga y Mercedes Léon

fazem hoje a sua estreia no

Casablanca

em danças maravilhosas de Arte, de Elegancia e de Beleza

Os mais notaveis interpretes de Albeniz, Granados, Falla e Turina, Sarazate, dançam hoje **Panaderos de la Flamenca** (popular) **Jota aragonêsa** (de Morreal) sapateado de Sarazate, **Sevilhanos** (popular)

NÃO FALTE HOJE AO CASABLANCA

HOJE, ás 21,30

Se ainda não viu não perca o filme mais alegre do ano!

entra em 2.ª SEMANA no GINASIO

BEL AMI

A genial realização de WILLI FORST

ROSA ARAUJO DANCING-BAR R. S. NICOLAU, 48

HOJE — Novos numeros pela parelha de Baile

Isabelita Otero — Julio Esparza

A mais perfeita maravilha coreografica espanhola

AMELIA MARUNY bailarina de classe

DORLAN

OS MELHORES PRODUTOS DE BELEZA

DORLAN

AS MELHORES PERFUMARIAS

DORLAN

A MARCA PREFERIDA PELO MUNDO ELEGANTE

Talvez não saiba que por cérca de **100$** mensais pode adquirir lindas MOBILIAS utilizando as nossas **facilidades de pagamento**

ESTABELECIMENTOS MATEUS

R. S. Lazaro, 162-170 — Telef. 4 0538

DECORAÇÕES GERAIS, L.da

Lindas MOBILIAS ESTOFOS, CORTINADOS

Visite V. Ex.ª a nossa exposição

R. Serpa Pinto, 12-B (ao Chiado)

APOLO Telef. 28643 — Hoje, ás 21 e às 23 h.

A interessantissima comedia humoristica

BRANCA POR FORA E ROSA POR DENTRO

com Ribeirinho, Madalena Sotto e Hortense Luz, Armando Machado, Alberto Reis, Joaquim Prata

MARIA VITORIA

A's 20 e 30 e às 22 e 45

O maior exito de todos os tempos, a consagrada revista

Toma lá, dá cá

com Irene Isidro, Herminia Silva, Antonio Silva, Barroso Lopes e Ricardo Santos Carvalho, nos principais papeis

ELSA AND WALDO

Os criadores da dança humoristica

AVENIDA Telefone: 27273

UM GRANDE EXITO da opereta

O Zé do Telhado

Musica do maestro Jaime Mendes

2 sessões ás 20,30 e 22,45

Dois colossais papeis por Amarante e Laura Alves

Domingo: «Matinée» ás 16 horas

HOJE, ás 23 horas

MIAMI

inaugura o Bar-Restaurante

1.º BAILE «MASQUÈ»

DECORAÇÕES ORIGINAIS — BRINDES

«COTILLONS» — ALEGRIA — SELECÇÃO

Grande conjunto de ARTISTAS

Orquestra SOUSA PINTO

com o vocalista ALFREDO LOPES

VARIEDADES 2 sessões ás 21 e 23

A interessantissima comédia em 3 actos original de Pilar Milan Astray, adaptação de João Bastos

As três Marias

desempenhada pela Companhia Maria Matos

Teatros e Cinemas

Conforme o ordenado

Há dias, numa «tertulia», algumas figuras de teatro discutiam a disciplina actual e um empresario contou que um seu contratado, primeiro artista da companhia, não tinha respeitado a tabela que marcava um pequeno ensaio para as 6 horas, alegando que não estava para vestir um fato da cena duas vezes: de tarde e á noite.

—Mas porque não protestou?—preguntou um individuo fora do meio.

—Isso é bom de dizer...—respondeu o empresario—E' que o meu amigo não sabe uma coisa: no teatro, uma pessoa só se pode zangar até aos ordenados de trinta escudos por dia. De um conto para cima já são eles que se zangam connosco.

EFEMERIDES

Nasceram a 13 de janeiro: os escritores teatrais José Maria de Sousa Lobo, Licinio Fausto Cardoso de Carvalho e Henrique Chaves; a actriz (retirada) Isaura Rocha; e o actor José Carlos dos Santos.

1922: Primeira representação, no Nacional, da comedia em 3 actos dos Irmãos Quintero, «O Centenario», tradução de Alberto de Morais. A peça, que estreou no Teatro Comedia, de Madrid, em 16 de dezembro de 1909, teve em Lisboa a seguinte distribuição: «Mariquinhas», Ilda Stichini; «Joana», Augusta Cordeiro; «Filomena», Laura Hirsch; «Eulalia», Ana de Oliveira; «Maria do Carmo», Lucia Reis; «Rosa», Maria do Pilar; «Tio João do Monte», José Ricardo; «Raul», Rafael Marques; «Evaristo», Joaquim Costa; «Ferreira», Jorge Grave; «Afonso», Luiz Leitão; «Manuel», Antonio Nascimento. Dos artistas que desempenharam a peça há vinte e dois anos, só o actor Jorge Grave se encontra em actividade. Os restantes, uns faleceram, outros estão retirados.

A nova temporada

do Verde-Gaio em S. Carlos

O grupo de bailados Verde-Gaio começa hoje, em S. Carlos, a sua IV temporada. Será apresentado o bailado «Imagens da Terra e do Mar», estreado durante as recentes comemorações do 150.º aniversario da fundação de S. Carlos e que é a visão poética e sugestiva dos mais fortes motivos da vida portuguesa. O espectaculo compreende, ainda, os já consagrados bailados «Muro do Derrête» e «D. Sebastião».

(Lêr cont. na 6.ª pag.)

Teatro Nacional de D. Maria II

HOJE, às 21 e 30 — HOJE

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

da peça em 3 actos de **Henry Bernstein**

Tradução de NORBERTO LOPES

ISRAEL

com Palmira Bastos, Alves da Cunha, Luiz Filipe, Samwel Diniz e Villaret, nos principais papeis

Domingo, 16, ás 4 horas da tarde

JOÃO PATETA

São Luiz — 2 7172 — A's 21,30

A CHAMA ETERNA

Keeper of the Flame

com Spencer Tracy e Katharine Hepburn

POLITEAMA — 5. SEMANA

Telef. 26305 — Hoje A's 21 e 30

O GAVIÃO DOS MARES

com Errol Flynn

CONDES — Telef. 2 2523 — A's 21 e 30

O grande amor de D. Pedro de Bragança

com George Rigaud e Alicia Barrie

TRINDADE — A's 21 e 30 — Tel. 20000

A's 9, lição de química

com Irasema Dilian e Alida valli

«Matinêes» todos os dias, ás 16 horas

CAPITOLIO — Telef. 2 7493 — do Salão, ás 21 horas

O maluco apaixonado

com William Powell

HONOLULU

REX — Telef. 2 9656 — A's 21 e 15

A filha abandonada

A Ponte de Waterloo

CENTRAL

ESPECTACULO DO S. P. N.

Piedosa mentira de Nina Petrowa — Nasceu um menino — Era uma vez uma princesa

TIVOLI — A's 21 e 30 — TELEF. 50595

4.ª semana

O PIRATA NEGRO

Filme colorido com Tyrone Power, Maureen O'Hara e Tomas Mitchell

EDEN — A's 21,30 — Telef. 2 0786

A vingança dos mortos

«VAKE ISLAND»

com Brian Donlevy, Macdonald Carey e Robert Preston

ODEON — A's 21 e 15

PALACIO — A's 21 e 30

Quando elas se encontram

com Joan Crawford, Robert Taylor, Greer Garson e Herbert Marshall

GINASIO — Ás 21 e 30 — Telef. 20556

2.ª semana

BEL-AMI

com Willi Forst

Direcção da MUNDIAL FILMES

LYS — Telef. 28560 — A's 21 e 15

Sol de outono

LUA NOVA

TERRASSE — Tel. 26917 — A's 21 e 15

Sol de outono

LUA NOVA

JARDIM CINEMA — Tel. 6 3065

O passado não morre

O amor e o tempo

CASINO ESTORIL

Gangster de Chicago

com Lola Lane

ECOS

Num dos seus ultimos livros, Pierre-Jean diz isto:

—A humanidade nunca pede contas aos augures. Os augures aproveitam-se disso. A catedra e as palavras magicas salvam os charlatães.

Costuma-se apresentar a verdade como deusa que é tanto mais honesta quanto mais nua. Os farrapos, as purpuras, os colares de perolas e as tunicas roçagantes não visam mostrar, mas encobrir.

Quem são os augures a que se refere Pierre-Jean?

Todos os vendedores de elixires que se dão como reveladores e interpretes de misterios divinos e humanos. Revestem-se de pompa, de autoridade e de absoluto. Furtam-se a interrogatorios, a pesquisas e a inqueritos. Ocultam-se na sombra e fazem de oraculos.

Pierre-Jean pregunta-lhes:

—Onde adquiristes tanto saber, ó personagens sublimes?

Eles tapam o rosto com negro capuz e murmuram:

—Nós somos os mestres e os guias do triste rebanho humano...

Calam-se como a Esfinge. Emmudecem como a noite.

Jesus, por exemplo, não usava de rodeios para traduzir a doutrina do Reino de Deus. As suas parabolas fulguravam na simplicidade. Os que o seguem, por vocação e coração, imitam-no.

Por que estranha e incompreensivel inclinação aparecem falsos profetas que, em vez de esclarecer, corrompem o sentido das cousas claras e evidentes?

■

Do livro de Pierre Courthion intitulado «Le Visage de Matisse», recentemente publicado:

—Eis que se me apresenta esta pregunta indiscreta: que ideia forma do amor Henri Matisse?

«As mulheres, disse-me ele uma vez, as mulheres são crianças grandes». Julgá-lo-ia bastante inclinado a adoptar a seu respeito a atitude oriental que para Delacroix foi um meio de preservação. Até os ultimos anos, não a representou Matisse a não ser estendida ou debruçada sobre almofadas, adoravelmente passiva—odalisca.

Matisse desconhece que o amor não tolera mutilações nem falsificação. Quer no oriente, quer no ocidente, não muda de rosto—sempre identico a si proprio. A natureza exprime, por intermedio dele, o fogo que a consome. Não admite nem o «mais» nem o «menos», porque, quando não palpita no ritmo da força e da beleza, o problema da côr e do gesto perde, perante ela, a sua significação.

■

Com a devida venia, transcrevemos de «O Seculo» de hoje o seguinte:

—Este drama italiano é de todas as épocas, de todos os regimes e de todos os tempos. Não é unico nem será, por certo, o derradeiro. Nas cronicas dos povos, outros semelhantes abrem nodoas de luto e de pavor.

Mas poucos se revestirão de caracteristicas mais impressionantes, de pormenores mais hostis áqueles atributos imortais da consciencia colectiva, para quem tudo quanto seja barbarismo e violencia é motivo de repulsa.

Registamos estas palavras que abonam o jornal que as publica. Na ocasião em que tanto se fala de humanidade, profanam-se os mandamentos que lhe servem de escudo. Disse-o Nietzche—o homem sem mandamentos ou é um Deus ou um personagem patibular. Quem condenou Ciano, Di Bono e os outros?

■

Dos jornais: 1.º Edda Mussolini pediu ao pai que interviesse a favor de seu marido, conde de Ciano; 2.º os condenados de Verona recusaram-se a assinar uma petição de comutação de pena.

Tudo se passou, em boa ordem: a esposa lidou, segundo as inspirações de coração, os condenados lidaram, consoante as sugestões da dignidade. A morte pode ser uma bela resposta ao que a justiça tem de imperfeito e cruel. O sangue que correu agora não se considera inteiramente perdido, visto que a época das «reparações» ha de chegar, embora lentamente.

■

Pode classificar-se de notavel a primeira pagina do «Sempre Fixe», ontem publicada—pagina de Francisco Valença, intitulada «3.º acto do Fausto—a aria das joias».

«Abelhas» pequeninas numa graciosa «Colmeia» de trabalho

MARIA DA RESSURRENÇÃO
acabando um berço

Favos de oiro os desta linda «Colmeia», que Fernanda de Castro criou como a sua melhor obra lirica, de fragmentos de rendas, estrigas de linho, meadas e dobadoiras, e que hoje, de certa maneira, se basta a si propria. E' o estagio superior da população pequenina desses falanesterios de alegria, recreios de sol e de ar que são os «parques infantis», coloridos e aninhados nos jardins da cidade. Abelhas, de doze anos, diligentes,—as tranças enramilhetadas de laços rubros, olhos negros e caras de saude—trabalham agora ali, com a competencia de verdadeiras «mestras», emquanto os rapazes, zangãos, trefegos, entre o zumbido das maquinas, vão ensaiando os primeiros vôos do mobiliario e na serralharia. O edificio era uma antiga dependencia realenga, as cocheiras do infante, na rua Afonso Pala, em frente do Parque da Ajuda. Tudo aquilo foi lavado, pintado, decorado, de sorte que o lobrego casarão em ruina, converteu-se num maravilhoso «atelier», com mobiliario de bonecas, desenhado por Botelho, louça de vidrado berrante, flores a esmo, ambiente casto e dôce, onde as crianças, com a linha de oiro da sua vontade e o dedal de prata dos seus dedos franzinos, bordam, costuram, cortam e tecem. Ali passam o dia em comum, aconchegados pelas arvores amigas do parque centenario e do sol que abre todas as janelas da grande aula de utilidades. Ontem, inaugurou-se ali uma exposição de peças do vestuario, enxovais de criança, camisolões de lã, luvas de rendas, colchas de noivado, bonecas de trapo, tudo isto, impecavelmente acabado, com padrões proprios, obra de amor e de infinita paciencia feminina, a preços que batem os do mercado. Foram logo compradas centenas de peças, mas muitas outras ali estão, a desafiar a economia e a cooperação para esta obra desinteressada das boas donas de casa.

Nos baixos do edificio, vêem-se modelos de mobiliario de estilo português, reminiscencia de velhas peças de sumptuaria, ou, desposando as linhas modernas, fixadas por artistas de nomeada, onde os filhos do povo saidos dos «Parques Infantis» desenvolvem o aproveitamento das suas aptidões esteticas, guiados por artifices consumados. A «Colmeia», em pleno labor, com as suas centenas de abelhas, está agora em festa. Fernanda de Castro enche-a de flores e de versos—mesmo quando o dinheiro é pouco. A vida tambem precisa de beleza—de beleza e de poesia!

IMPÉRIO DAS LIMONADAS?

Os defensores de Nikopol fazem frente a uma forte ofensiva — anuncia Berlim

GRANDE QUARTEL GENERAL DO FUEHRER, 13—O Alto Comando das Forças Armadas Alemãs comunica:

«A nordeste de Kertch malograram-se novos e poderosos ataques dos bolchevistas.

Após preparativos violentos de artilharia, o inimigo tomou a ofensiva numa frente estreita contra a testa de ponte de Nikopol.

Em combates encarniçados que duraram um dia inteiro, as nossas tropas alcançaram um exito completo de defesa.

Continuando nos seus ataques a sudoeste de Dniepropetrovsk, os bolchevistas foram de novo repelidos com perdas sangrentas.

A oeste de Kirovograd, recomeçaram ontem os ataques sovieticos que foram feitos com poderosas forças de infantaria e de blindados. Foram repelidos num contra-ataque e depois de terem sido colmatadas penetrações.

A sudoeste de Cherkassy, os ataques locais sovieticos não tiveram êxito.

Os contra-ataques alemães no sector de Pogrebichtche fizeram ontem tambem bons progressos.

A oeste de Berditchev, malograram-se varios ataques dos bolchevistas.

No sector a oeste de Novograd-Olynsk e a oeste de Sarny, as nossas tropas encontram-se numa luta dura com forças inimigas que exercem pressão.

Os sovietes prosseguiram tambem durante o dia de ontem, nos seus violentos ataquesa a oeste de Retchitza. Estão em curso graves combates.

Perto de Vitebsk, novas tentativas de perfuração dos bolchevistas que foram efectuadas, com o centro de gravidade a oeste da cidade, malograram-se perante a tenaz resistencia das nossas tropas.

A noroeste de Nevel, ataques mais fortes de forças sovieticas de infantaria e de carros blindados foram repelidos depois de algumas penetrações terem sido colmatadas.

Foram destruidos 50 aviões inimigos.

A luta na Italia

Na parte ocidental da frente da Italia meridional, o inimigo estendeu os seus ataques tambem ao sector ao norte de Venafro. Ataques efectuados, após violentos preparativos de artilharia contra as nossas posições nas alturas, foram repelidos com perdas elevadas para o inimigo. Duas penetrações locais foram colmatadas.

Anunciam-se, da ala extremo ocidental, combates de vanguarda em Garigliano e da ala oriental um empreendimento alemão frutuoso de elementos de choque».—(D. N. B.).

As reuniões no Reich
dos chefes politicos

LONDRES, 13. — A emissora alemã anuncia que Himmler teve ontem, em Breslau, uma conferencia com funcionarios superiores vindos de todos os pontos da Alemanha.

O locutor acrescentou: «Os presidentes regionais dos corpos administrativos de todas as provincias da Alemanha reuniram-se em Breslau sob a presidencia de Himmler. Foram discutidos os principais problemas relativos á administração interna e Himmler traçou as normas a que deve obedecer a administração durante o corrente ano.

Himmler recordou a conferencia de todos os chefes da propaganda «nazi» da Alemanha inteira, que se realizou em Berlim há dois dias, sob a presidencia de Goebbels».—(R.).

SAIBA ESCOLHER A SUA SEGURADORA

A ULTRAMARINA

E' uma Companhia portuguesa, de çapitais portugueses, administrada por portugueses
As suas reservas livres são as maiores de todas as Companhias nacionais
Sede em Lisboa: R. da Prata, 108 (Edificio proprio) — Telf. 2 3348/9 — Estado 205

DUAS FIGURAS LISBOE

Mestre Vicente e mestre completaram e mais de me

Quem não conhece em Lisboa mestre Vicente, das Amoreiras, e mestre José Baudouin, de Campolide? Nas esferas de arte, entre arquitectos, pintores, decoradores, construtores, nos meios da Lisboa das tradições e usanças, nos ambientes palacianos ou populares os srs. Vicente Joaquim Esteves e José Baudouin têm aura.

São o que se pode chamar duas figuras; se quiserem, dois tipos singulares de uma raça que se vai extinguindo.

Pois aqueles senhores ultrapassaram os 70 anos, mestre Vicente primeiro que mestre Baudouin. E é vê-los ambos rijos, optimistas, um tudo nada curtidos de experiencia mas não derrancados.

Os tipos destes dois simpaticos «rapazes» é diverso. O sr. Vicente Esteves aprumado, mais fidalgo; o sr. José Baudouin mais pitoresco, mais popular, mas não menos castiço e elegante. Ambos usam—quem não dá por eles?—calça estreitinha de marialvas antigos, bota afiambrada, chapeu de aba arredondada e jaquetão grosso.

E que dois industriais!

Vicente Esteves cursou na Escola Rodrigues Sampaio e foi depois aluno na Academia de Belas Artes do insigne mestre José Luiz Monteiro, que morreu nonagenario. A sua aspiração—era ter um oficio, mas levava consigo a centelha da arte industrial. Montou, na «vila» Raul, das Amoreiras, sózinho, uma pequena oficina; isto foi por 1887. Dois anos depois—queremos dizer há 55 anos—transferiu-se para a rua das Amoreiras, casa sucessivamente ampliada até dar, como hoje é, uma das maiores e mais perfeitas serralharias do país, onde os operarios têm mãos peregrinas. Trabalhou com o grande mestre Frederico Ribeiro que, na construção, deu mão á sua arte de ferro. Encheu Lisboa e o país de obras de vulto; lançou innovações como os portões de ferro dos palacetes da Avenida, os primeiros em Lisboa a substituir os portões de madeira. O seu *curriculum vitae* daria paginas. Guindando-se até á arte pura, continuou a escola de Coimbra do ferro forjado, seguindo as sugestões e belezas dos seculos XVI, XVII e XVIII. Os museus, os palacios particulares, os paços, os estabelecimentos publicos mostram milhares de documentos da sua arte. Há-os na Belgica, em Espanha, no Brasil. Em exposições internacionais—Paris, Sevilha, Rio de Janeiro—tomou para a sua casa os maiores trofeus. Nos Centenarios confirmou o seu nome. E tem o orgulho de ver continuar a sua obra o filho, sr. João Luiz Esteves, um artista, já hoje gerente da casa. A par disto—cidadão de Lisboa do tipo de há meio seculo, inalteravel e bizarro, praticando um pouco a boemia de distin-

Em 12 dias
172 casos de doença subita

Desde o dia 1 do corrente até ontem, a Policia de Segurança Publica conduziu ao hospital de S. José 172 pessoas acometidas de doença subita, algumas das quais faleceram.

No dia 1, foram registados 12 casos; no dia 2, 18; no dia 3, 16; dia 4, 17; dia 5, 18; dia 6, 22; dia 7, 17; dia 8, 18; dia 9, 11; dia 10, 4; dia 11, 10; dia 12, 9.

As idades em que menos casos se registam são até aos 20 anos e dos 60 aos 80, em que a média não ultrapassa 1, 2 ou 3 casos por dia. Nas restantes idades a média é de 5 a 6 casos.

NO LIMIAR
dêste ano de 44

Saturio Pires publica, no ultimo numero da revista quinzenal ilustrada de actualidades internacionais «A Esfera», uma interessante crónica em que analisa a situação militar em todas as frentes no limiar do ano de 1944.

Numero avulso: 1$50. Assinaturas: rua do Alecrim, 65, 1.º (telef. 2 1276).

PRATAS MARAVILHOSAS!...
Por preços excepcionais, só na
OURIVESARIA PORTUGAL
ROSSIO, 122 (Esq. Rua da Betesga)

AS

Esteves
José Baudouin

70 anos
io seculo de trabalho

Os srs. Vicente Esteves e José Baudouin

ção, recebendo, até há poucos anos, como um fidalgo na sua casa e quinta da Amadora.

Mestre José Baudouin tem grandes pontos de contacto, na vida de arte, com o seu amigo Vicente. Filho de um ceramista de origem francesa, proprietarios da grande fabrica de Alcantara, contida entre a avenida 24 de Julho, e ruas Vieira da Silva e do Arco, José Baudouin aos dez anos mostrava mais disposição para a olaria e ceramica do que para o estudo. E começou a trabalhar com o pai. O seu baptismo profissional foi cair num grande

(Lêr cont. na 7.ª pag.)

FOI INSTITUIDO UM PREMIO

para estudos sobre o cancro

O sr. ministro da Educação Nacional aprovou o regulamento do «Premio A. J. da Silva Pereira», instituido por uma firma do Minho, que fez ao Instituto Português de Oncologia a oferta da importancia de 50 contos, «para com o seu rendimento auxiliar as investigações cientificas, a-fim de permitir alcançar o segredo do cancro». O rendimento daquela importancia, acrescido do rendimento do legado Ernesto Driesel Schroeter, permite que o premio anual seja no valor de três contos. Os trabalhos devem ser enviados, em cada ano, até 30 de setembro e o premio será conferido por um juri do I. P. O. e entregue no dia 29 de Dezembro de cada ano.

DAVID KIT
TODA A PELARIA FINA

V. Ex.ª quere saber ?

O diamante significa: Reconciliação e amor.

A safira: Verdade e consciencia pura.
O Rubi: Beleza, elegancia.
O Topazio: Amor ardente.

Para comprar estes lindos talismans, procure a **GRANDE OURIVESARIA DA MODA.**

Rua da Prata, n.º 257 (Esquina da Rua de Santa Justa).

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 103 - T. 27527

A situação
em alguns países da Europa ocupada
segundo noticias chegadas a Londres

LONDRES, 13.—Anuncia-se a prisão de 50 refens na Holanda, a paralisação do trafego no rio Sahone (França), em consequencia da destruição da comporta e o bloqueio do tunel na principal linha da Suiça para a Austria, durante três dis, em consequencia da explosão duma bomba de relogio. Chega tambem a noticia da fuga de intelectuais da cidade yugo-eslava de Zagreb, acusados de dirigirem actos de sabotagem. A vaga de refugiados que chega a Roma causa serios embaraços aos alemães e ás autoridades fascistas pois a população da cidade está quasi duplicada.

Um dos 50 refens presos em Leyden (Holanda) é o professor Rudolf Cleveringa. Esta prisão deve causar viva emoção entre os holandeses. Ocupa um magnifico lugar no coração dos patriotas holandeses desde que proferiu um discurso desafiando os alemães. logo depois dêstes haverem invadido o país, em consequencia do que foi encerrado num campo de concentração até janeiro de 1942. A noticia destas prisões, facultada pelos circulos autorizados holandeses de Londres, é confirmada pela publicação, nos jornais holandeses, dum comunicado oficial dizendo que iam ser tomadas medidas de represalia em consequencia do assassinio a tiro do chefe da Repartição do Trabalho de Leyden, Gerardus Willem Diederix. O comunicado diz que três dos refens foram fuzilados por terem oferecido resistencia aos agentes da Gestapo.

O nivel do rio Sahone desceu cêrca de 3 metros em consequencia da destruição da comporta perto de Sennesev-Le-Grand, 300 quilometros a sueste de Paris. Esta informação foi transmitida pela emissora de Argel e baseia-se num documento recebido de França. Essa informação acrescenta que o frio e as frequentes inundações devem tornar dificil a reparação da comporta.

O tunel de Arlberg, de uns 9 quilometros de comprido, é o mais extenso tunel do mundo. A noticia de ter ficado bloqueado durante três dias, em consequencia da explosão duma bomba de relogio, foi transmitida de fonte autorizada austriaca para Zurich. A explosão é atribuida a sabotagem.

A fuga dos intelectuais de Zagreb é tambem noticiada de Zurich. Sabe-se que a Repartição da Policia da Croacia tinha organizado uma lista de 2.000 refens. A maioria dos camponeses está a combater nas tropas do marechal Tito.

As autoridades alemãs da Belgica têm tomado tambem medidas especiais para pôrem termo aos actos de sabotagem. Entre essas medidas figuram a proibição de transito durante a noite e uma severa restrição no emprego de veiculos durante o dia».—(Reuter).

Dois assassinios em França

LONDRES, 12. — A agencia de informações alemã anunciou esta noite: «O antigo presidente da Liga dos Direitos do Homem, o judeu Victor Basch, e sua mulher foram assassinados ontem, á noite, por pessoas desconhecidas. Os cadaveres de Basch e de sua mulher foram encontrados a 10 quilometros de Lião».—(R.).

Os alemães
esperam *uma pausa* nos ataques aéreos dos Aliados

LONDRES, 13.—A emissora alemã difundindo para o estrangeiro disse que o alto comando alemão empregou todo o poderio aereo disponivel na batalha que se travou com bombardeiros e caças americanos, na 3.ª feira, sobre o noroeste da Alemanha. O informador da «Luftwaffe» acrescentou: «E' significativo que a aviação alemã não utilize quaisquer armas novas, como os Aliados alegam, mas os nossos velhos caças empregados em grande numero conseguiram romper as grandes formações de bombardeiros e caças americanos.

Os nossos caças voam agora em formações que recordam a condução de guerra da infantaria.

Estamos a ganhar gradualmente a guerra aerea sobre a Europa e já se afastou a ameaça da possivel superioridade dos Aliados em caso de invasão. E' mais que provavel que se verifique agora uma pausa nos ataques aereos dos Aliados á Alemanha».—(Reuter).

As batalhas aereas sobre a Alemanha

WICHITA (Kansas), 13—O chefe da força aerea americana, general Henry Arnold, declarou que a grande batalha aerea de terça-feira sobre a Alemanha infligira «um dos mais profundos golpes até agora vibrados á aviação alemã». Custou, aproximadamente, 5 por cento dos aviões americanos que efectuaram o ataque. Acrescentou que 3 importantes fabricas de caças alemães foram arrasadas. Disse ainda: «A produção nestas 3 fabricas que os alemães procuravam aumentar, será inteiramente impossivel, pois foram arrasadas. Têm de passar muitos meses antes de se poder reparar os danos e retomar a produção de aviões de caça».

O general Arnold disse que os pesados ataques contra as fabricas de Oschersleben, Halberstadt e Brunswick ilustraram a extensão do esforço aereo americano e mostram igualmente a forma como as forças aereas mudam constantemente de tactica.—(Reuter).

A epidemia do tifo
toma aspectos graves em Napoles

CAIRO, 13—Um comunicado publicado hoje pelo Q. G. do Exercito americano no Medio Oriente diz que a epidemia de tifo em Napoles é 50 vezes mais intensa do que em Outubro. O comunicado diz que os serviços medicos do Exercito americano dão todo o auxilio possivel á população civil. Estas informações foram dadas pelo brigadeiro general Leon A. Fox, director da Comissão Americana do Tifo, que acaba de regressar ao Medio Oriente da zona de tifo na Italia. O general Fox disse: «Napoles está gravemente ameaçada e o perigo pode esperar-se que se propague para o sul da Italia». —(Reuter).

O «Diario de Lisboa» vende-se em Tavira na casa José Maria dos Santos.

ARCADIA
TODAS AS NOITES — GRANDES ATRACÇÕES
HOJE — ESTREIA
A' 1 HORA E 30, os sensacionais trechos musicais:
I—**DUAS GUITARRAS**, pela Orquestra **«OS VAGABUNDOS».**
II—**RAPSODIA HUNGARA N.º 2**, de Frank Liszt, pela orquestra **«ALMEIDA CRUZ»**
GRANDES ARTISTAS: **MARGARY AND FRANCIS**
—Nelly del Plata—Pepita Ruiz—Manolita Piquer—Noly Lu—Greta Sol
UM ELENCO FORMIDAVEL! **Tel. 2 8891**

4 horas e meia
para representar uma peça que levou 25 anos a escrever!

PAUL CLAUDEL

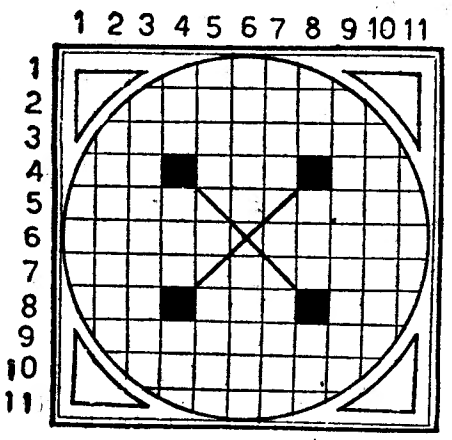
PARIS, Dezembro.—Não há duvida de que «Le soulier de satin», a ultima peça do poeta e diplomata Paul Claudel, agora representada na Comédie Française, foi um dos mais sensacionais acontecimentos dos ultimos tempos. Se é verdade que leva apenas quatro horas e trinta e cinco minutos a representar esta peça—que levou vinte e cinco anos a escrever!—tambem é verdade que por muito tempo se ficará a falar deste caso, que chicoteou vivamente a espectativa compreensivelmente adormecida dessa mole incaracteristica de figuração apinocada e mais ou menos pedante a que se convencionou chamar o «Tout Paris».

A peça de Claudel interessou, porventura, por multiplas razões. Pelo proprio Claudel, cuja obra, já conhecida, sempre se revela embebida de um perfume estranho de poesia—que nem toda a gente se dará ao gosto de entender, mas a que todos se dão ao «sport» de discutir—e sempre permite, com a maior facilidade, a espectativa de todas as sugestões; pela propria peça, recheada de um sabor novo de ambiente e de construção, admitindo no meio do drama todas as fantasias de encenação só costumeiras nas «feeries»; pelo bulicio de curiosidade publica; e pelo proprio facto de a empresa da Comédie, desta vez, num gesto por assim dizer revolucionario, ter decidido saltar sem intervalo da fase de ensaios á porta fechada para a fase da representação publica—com bilhetes pagos na bilheteira... Rompe-se, desta maneira, a tradição das «généreles», ensaios como espectacuuo em que eram admitidas, por convite, todas as celebridades parisienses e tambem todas aquelas pessoas que a si mesmas se atribuiam categoria e foros de celebridade. E nesta hecterogenea multidão celebre incluiam-se os criticos, os amigos do autor, os amigos da empresa, os amigos dos interpretes, os amigos destes amigos e os amigos dos amigos dos amigos... Partindo-se, assim, do principio de que os amigos dos nossos amigos nossos amigos são, muitas vezes, quasi sempre, era possivel chegar-se ao exagêro de reunir, em noite de «génerale», verdadeiras assembleias de amigos dos diabos...

Toda a gente sabe que o uso pode muito. E toda a gente sabe, tambem, que há espectadores irremediavelmente perdidos para uma peça desde que não a vejam na noite da estreia... Mas a verdade é que a medida ousada da gerencia da Comédie, rompendo com uma tradição de longos anos, não impediu que «Le soulier de satin» tivesse chegado ao grande publico.

Palavras cruzadas

PROBLEMA N.º 433



HORIZONTAIS—1—Amálgama de mercurio e estanho que se aplica aos espelhos. 2—Costa talhada a pique, em alcantis. 3—Livro em que se descrevem portos de mar. 4—Caminhar. Amarro. Pronome pessoal. 5—Habilidade. Bosque. 6—Vila e concelho alentejanos cujo nome deriva duma lenda. Apelido. 7—Procedia. Moeda portuguesa de Diu. 8—Alto ai (inv.º). Unica. Simbolo quimico do iridio. 9—De Socrates. 10—Opera de Alfredo Keil. 11—Preposição e artigo (pl.).

VERTICAIS—1—Patroa. 2—Moscas cécé. 3—Casuais. 4—Viração. Tempo do verbo ser. Nome duma letra. 5—Elevada. Dá urros. 6—Cidade do norte de Africa antigo dominio português. Amargo. 7—Capital nórdica. Lias. 8—Caminhava .De pequena estatura. Prefixo de negação. 9—Oposto a ártica. 10—Colina. 11—Pegadeira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 432

HORIZONTAIS—1—Polo. Ciam. 2—Eva. Ata. 3—Dá. Aroma. Rs. 4—Ri. Apologo. Ac. 5—Oslo. Erário. 6—Ala. Ara. 7 Sumira. Eram. 8—Ar. Ocarina. Mó. 9—Rã. Erebo. Er. 10—Ria. Mim. 11—Osso. Sião.

VERTICAIS — 1—Pedro. Sárro. 2—Ovais. Urais. 3—Lá. Alamo. As. 4—Apolice. 5—Pro. Arara. 6—Olé. Are. 7—Amora. Ibo. 8—Agareno. 9—Ia. Orara. Mi. 10—Atrai. Ameia. 11—Masco. Mormo.

TRIBUNAIS

No 2.º juizo criminal terminou o julgamento de José Antonio Grilo, Daniel Ribeiro, Caetano da Ressurreição Pinheiro, Antonio Graça, Manuel Pinto Fortes e Antonio Gil, acusados, o primeiro, de um alcance de 320.029$23 na Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia, de que era cobrador, e os restantes reus como encobridores. Foi condenado o Grilo em 3 anos de prisão maior celular, na alternativa de quatro anos e meio de degredo e 1.500$00 de imposto de justiça, e na indemnização competente. Os restantes foram absolvidos.

—No 8.º juizo foi condenado Fernando Mendes Rodrigues Amorim, por ofensas corporais, em 18 meses de prisão correccional e 135 dias de multa a 2$00 por dia e 1.000$00 de imposto de justiça.

—No 9.º juizo foi condenado Antonio Augusto Ferreira, por abuso de confiança, em 18 meses de prisão correccional, 67 dias de multa a 2$00 e 1.000$00 de imposto.

«AUTO MECANICA»

No proxmo sabado, 15, passa o 7.º aniversario da cooperativa «Auto Mecanica de Portugal». Comemorando a data, realiza-se na Casa do Alentejo na noite desse dia uma sessão solene, na qual falará o sr. dr. Ramada Curto, que encarará a iniciativa sob os aspectos juridico, social e economico, focando o estado da questão e aludindo á oportunidade e alcance da cooperativa.

†

Julia Ribeiro Braga Freitas

FALECEU

Augusto Casimiro de Freitas, Alvaro Braga Freitas e sua mulher Maria de Sousa Freitas e Zilia Ribeiro Braga participam a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento da sua estremosa esposa, mãe e irmã, cujo funeral se efectuou hoje, dia 13, da sua residencia, Rua Senhora da Gloria, n.º 100, r/c., pelas 16 horas, para o cemiterio do Alto de S. João.

AGENCIA «SRAF»

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 3.ª pag.)

«O Zé do Telhado»

No Avenida acentua-se o exito da opereta «O Zé do Telhado», em que se destacam dois artistas, Amarante, no protagonista, e Laura Alves, na «Maria Pequena», assim como o dueto de ambos, para que Jaime Mendes compôs tão inspirada melodia que os espectadores da primeira noite logo os acompanharam em côro, e toda Lisboa o canta já pelas ruas.

«Ninguem foge ao seu destino» é o titulo do dueto, e um aviso: ninguem pode passar sem ir ao Avenida ver esta opereta, nem deixar de cantar o já famoso dueto...

LÁ POR FORA

Valeriano Léon e Aurora Redondo, que estiveram a trabalhar com grande exito no Alcazar, de Madrid, iniciaram uma «tournée», figurando no repertorio as peças: «El tio Miseria», «El hombrecillo», «El avaro», «Don Verdades», «Me matas con tu cariño» e «En mi vida he roto un plato».

—Encontra-se a trabalhar com grande exito no Circo Alegria, em Sevilha, o ilusionista português D'Aguillar, contratado do empresario Carcellé.

Atrás do reposteiro

Almeida Amaral, Fernando Santos e Lourenço Rodrigues estão a escrever, para um dos teatros do Parque, uma revista em 2 actos e 24 quadros, intitulada «Baile de Marques», que sobe á cena ainda esta época.

—A companhia Maria Matos irá ao Porto, estreando-se no teatro Sá da Bandeira no sabado de Aleluia.

—Na revista «O jogo do diabo», de Ramada Curto e Oliveira Guimarães, o actor João Perry será o comentador que acompanha toda a peça.

—A companhia do Coliseu continua a fazer a filmagem de uma cena cinematografica que é incluida na opereta «Alvorada do amor».

—Está marcada para quinta-feira, 20, a primeira representação no Variedades, da comedia em 3 actos «Os bem casados», adaptação da peça espanhola «La culpa és tuya».

—Fala-se na reposição duma peça que tem duas traduções de autores diferentes e foi representada no Brasil com o titulo de «O Costa boemio» e em Lisboa, com o nome «O pé de salsa».

—A opereta «A mulher do padeiro», de Arnaldo Leite e Heitor de Campos Monteiro, em cena no Sá da Bandeira, do Porto, será representada, ainda esta epoca, no teatro Maria Vitoria.

Primeiras exibições

«Quando elas se encontram», no Odéon e no Palacio

Joan Crawford, Herbert Marshall, Greer Garson e Robert Taylor, no mesmo filme, dão-lhe já vantagem. E o filme tem ainda a seu favor estar feito com uma boa peça de teatro com boas situações. Destas, a captal é a que dá o titulo, e o melhor do filme, o encontro das duas mulheres dum amoroso inconstante, a legitima e a que esperava vir a sê-lo. Esta é Joan Crawford, e o voluvel é Herbert Marshall, ambos em desvantajosa competencia, de idade, com Greer Garson e Robert Taylor. A cargo deste está a condução da anecdota, em tom amavel, gracioso, e proporcionando um espectaculo sedutor, interessante.

Entre os complementos uma historia americana e uma brincadeira da já antiga pandilha do menino gordo e do menino preto, aumentada com um mesino aloino.—*Visor 53.*

Um filme comemorativo

do 150.º aniversario de Rossini

No teatro Trindade será passado amanhã, ás 18 horas, em sessão privada, o filme «Rossini», comemorativo do 150.º aniversario do grande genio da musica italiana. Foram convidados os srs. ministro e subsecretario da Educação Nacional, altos funcionarios déste departamento, maestros, professores de orquestra, autores liricos, alunos do Conservatorio, etc.

RECINTOS DE DIVERSÕES

Realiza-se hoje, no Casablanca, uma sessão especial para a Imprensa e artistas, exibindo-se pela primeira vez a atracção internacional Albano de Zuñiga e Mercedes Léon.

«Amor de Perdição»:—o filme português que o publico exigia. Vá hoje vê-lo. E' o exito crescente do Coliseu

O imortal romance de Camilo: «Amor de Perdição», que eão copiosas lagrimas tem feito chorar, nunca, todavia, emocionou tanto e tantas almas, como agora, no monumental «écran» do Coliseu, onde aquele drama revive com todo o seu realismo tragico e passional. A multidão não se cansa de o ver. Simão, Teresa, Mariana, o ferrador João da Cruz e todas as personagens daquele pungente drama ressurgem, por milagre, do cinema, fazendo-nos assistir aos pungentes martirios daqueles que souberam amar e morrer por amor. Não faltem esta noite e todos os dias, em «matinée» e á noite, ás exibições do «Amor de Perdição». Preços populares.

Casas de campo

No proximo sabado, ás 15 horas, realiza-se, nos salões da Casa das Beiras, no Palacio Regaleira, ao largo de S. Domingos, uma exposição de modêlos de casas de campo, apresentados por uma sociedade construtora.

ASSOCIAÇÃO LUIZ BRAILE

Depois de amanhã, ás 21 e 30, realiza-se, na Associação Luiz Braille, a festa de homenagem ao violinista Emilio Nunes da Silva. O programa inclue, além de numeros de ilusionismo, um acto de variedades e baile.

Vida mundana

ANIVERSÁRIOS

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Porto Covo da Bandeira, D. Branca de Sommer de Andrade, D. Maria Adelaide da Gama Sepulveda, D. Maria dos Prazeres Cirne de Bettencourt, D. Branca de Seabra Pereira, D. Emilia Pinto Leite de Bessa, D. Maria Teresa de Jesus de Sousa Barreto (Rio Pardo), D. Maria de Meneses Peixoto Taveira, D. Adelaide de Lorena Veloso Côrte Real, D. Emilia da Silva Faria Braga, D. Conceição Ferreira Morgado de Sousa, D. Filomena Adelaide Dôres Santos Valente e D. Hortense Gomes Militão.

CASAMENTOS

Celebrou-se na igreja do Coração de Jesus, a Santa Marta, o casamento da sr.ª D. Maria Helena Tavares de Matos, filha da sr.ª D. Laura Tavares de Matos e do falecido comandante da marinha mercante sr. José Vicente Coelho de Matos, com o sr. Mario Henrique da Costa, funcionario em Angola, da Companhia dos Açucares, filho da sr.ª D. Herminia Henriques da Costa e do falecido empregado principal da C. P. sr. José da Costa.

Apadrinharam o acto por parte da noiva, sua irmã, a sr.ª D. Beatriz de Matos Camacho Ribeiro, e seu primo, sr. Guilherme Vieira da Silva, revisor do nosso colega «O Seculo», e por parte do noivo, sua cunhada, sr.ª D. Maria José Gaspar da Costa, e seu irmão, sr. Fernando Henrique da Costa.

Os noivos seguem brevemente para Luanda.

Elisa d'Oliveira

MODISTA

Executa os mais «chics» vestidos de baile, práticos e de «toillette».

Av. da Republica, 4, r/c-D. — Tel. 49167

Sociedade de Ciências Económicas

Uma conferencia do professor dr. Moses Amzalak

Na sede da Sociedade de Ciencias Economicas, realiza hoje, pelas 21 e 30 horas, o sr. professor Moses Bensabat Amzalak uma comunicação sobre assuntos economicos. O ilustre conferente, estudioso e investigador de todos os problemas que se relacionem com a economia, com o seu nome ligado a inumeros trabalhos da especialidade, falará sobre: «Algumas achegas para a historia das doutrinas economicas da Grecia antiga», assunto que está despertar o mais vivo interesse por parte de todos quantos se dedicam aos problemas da historia da Economia.

ENCONTRADO MORTO

FORNOS DE ALGODRES, 13—Foi encontrado morto, com um tiro de caçadeira, José Cardoso Matilde, de 53 anos, casado, proprietario. O caso foi participado ás autoridades.

O PETROLEO PIVER, excelente produto da Quimica Francesa, é a razão pura e simples de uma bela e sedosa cabeleira.

O Petróleo PIVER conserva e revigora o cabelo, limpa-o e perfuma-o, eliminando, ao mesmo tempo, a caspa.

O Petróleo PIVER, que tão optimos resultados tem dado, é ainda o agente indispensavel para a conservação do cabelo.

L.T. PIVER

MOSAICO

internacional

Carteiro e pintor

Pedro Ambrogiani, carteiro corso em Marselha, faz todos os dias cêrca de 20 quilometros a-fim de ganhar 24 mil francos ao ano.

Durante as suas horas de repouso ele pinta e, com essas telas, realiza sessenta mil francos por semana.

Os C. T. T. julgam ter com Ambrogiani o seu alfandegario Rousseau. Ele apareceu na arte por um acaso engraçado. Criticava um amigo por «tactear» com o pincel; e este, vexado, metendo-lhe uma paleta nas mãos disse ironicamente:

—Ensaia, pois, por ti proprio... Tu verás como é facil!

Foi, com efeito, facil para Ambrogiani. Ele pinta por instinto; nunca viu obras de mestres; apenas simples reproduções. A exposição por êle organizada em Marselha rendeu-lhe, em quinze dias, cento e vinte mil francos. Agora, quere expôr no Louvre, durante o inverno. Mas não deixará, em caso algum, o seu uniforme de carteiro. A gloria, a fortuna, estão bem—mas um ordenado é mais seguro.

Sua mulher e seus filhos ficaram surpreendidos pela irrupção pictorica do marido. E' que êste...

Arte e comercio

Deslumbrado pela irrupção dos coloridos e sentido das formas, pintou o seu primeiro quadro nas costas de um correntio oleado. Depois, lançou-se, com a mão e o pincel, sobre os guardanapos e as rodilhas caseiras. A senhora Ambrogiani espera salvar alguns lençois e toalhas... E, ao dizerem-lhe que seu marido está a dois passos de ganhar uma fortuna, ela, com o seu forte bom-senso de mulher e mãe, responde:

—Duvido; ele é de tal modo gastador! Pensai que, num só retrato, ele «mete», só em tintas, os seus três mil francos...

Outro é o caso do comerciante Cirilo Constantino, de Aix-Bcins. Um pintor de passagem naquela estancia termal, disse-lhe há uns seis meses:

—Venda-me um fato e eu lho pagarei em quadros.

Sem saber o valor das obras oferecidas, Cirilo Constantino aceitou:

—Desejava uns dez...

—Eu os entregarei: metade pasteis, metade aguarelas.

Mas se o comerciante cumpriu a sua palavra, o pintor desapareceu ao entregar a oitava tela. Furioso, o comerciante propôs-se reparar por si proprio a falta do artista. Assim fez, mas, ao terminar, tomara gosto pela arte e já vai na centesima tela, indo expôr, no inverno, em Lyon.

Nas fronteiras da vida

Nas paredes da sua biblioteca, no laboratorio de estudos em Montana, o doutor Parker inaugurou, há pouco, o nono retrato de um seu colaborador morto na busca das origens da Vida.

Nessa zona, existe um dos mais estranhos misterios do mundo. Os primeiros colonos estabeleceram-se, indiferentemente, nas duas margens da torrente. Mas, rapidamente, os que estavam na margem esquerda a deixaram pela direita. Um mal misterioso enterrava aqueles que se obstinavam em permanecer. Este começava por dôres de cabeça, calafrios e dôres que paralasavam os membros.

Na outra margem, pelo contrario, os colonos prosperavam e excediam os limites da idade dos patriarcas. A mesma agua, ar e condições de vida determinavam efeitos contrarios.

Há um seculo e meio que se morre, sempre da mesma maneira, na margem oposta. A manifestação derradeira do mal é uma febre convulsa acompanhada de manchas escarlates que aparecem no peito, nas costas, nos braços e nas pernas.

Isto era incompreensivel. Recorreu-se a explicações sobrenaturais e a margem do mal foi declarada maldita, abrigadora, sem duvida, de um genio mau.

Sucede, porém, que a ciencia não gosta das explicações demasiado simplistas, antes preferindo desterrá-las.

Já morreram nove sabios

No caso presente, o promotor das mortes em serie era, sem duvida, o unico insecto ali instalado: o «dermacentor andorsini». Ele é, pelas suas picadas, o propagador da morte no Vale do Misterio.

Mas a-pesar daquele ser o unico agente propagador possivel por esse mesmo facto o misterio entenebrece essa zona do Montana. E' que o «dermacentor andorsini» vive indiferentemente nas duas margens. Como explicar que as suas picadas mortais de um lado sejam inofensivas do outro?

O dr. Parker consagra a sua vida inteira ao estudo do misterio. Dispõe de um imenso laboratorio em vidro e cimento, de um estado maior de cento e dezanove sabios e ajudantes. Tem criado os tais insectos. Busca e rebusca a variedade promotora do massacre. Nada! Já tem dois milhões de mosquitos hermeticamente encerrados e tratados. Ao principio, chamavam-lhe louco. Agora, ao inaugurar o retrato do seu nono colaborador morto em luta com o até agora invisivel germen, respeitam-no. Já se obteve uma vacina: 736 litros, com que se trataram 130.000 contagiados.

Todos os seus ajudantes têm morrido infectados. Só o dr. Parker subsiste, heroicamente, incompreensivelmente. A agua salta e canta nas torrentes. Mas como há seculo e meio, mata num lado, salva no outro. Porquê?

Meio século de justiça

(Continuação da 1.ª pag.)

—Outro processo importante foi o do incendio da rua da Madalena. Correu pelo 1.º Distrito Criminal. Os jornalistas da epoca falaram á larga do caso, dando vasta soma de pormenores.

Interrompemos, para preguntar:

—Foi aí que se deveu uma parte das vitimas ao facto de alguns dos inquilinos se precipitarem das janelas, para fugirem das chamas?

A' resposta afirmativa acrescentam:

—E parece que uma delas ficou até espetada num candeeiro e outra atirou-se com uma criança ao colo.

Após ste relato doloroso, diz-nos o sr. Caetano Ferreira:

—Posso tambem falar-lhe do roubo da Ourivesaria da Guia, um dos assaltos mais engenhosos da epoca: um tunel feito sob as paredes mestras de dois predios, partindo de um estabelecimento ao lado da ourivesaria, que estando vago, foi alugado pelos gatunos. A prova mais concludente trazida á discussão, no julgamento, foram as impressões digitais, colhidas em uma lanterna e uma caneca de que os gatunos se serviram, durante os seus trabalhos nocturnos. O distinto advogado de um dos reus, dr. Alexandre Braga, discutiu o relatorio do ilustre perito dr. Xavier da Silva, para pretender provar a sua falibilidade. Este, que estava no estrangeiro, regressou imediatamente a Lisboa e apresentou-se na ultima sessão do julgamento, para esclarecer o tribunal em relação ao referido relatorio. E de tal modo e tão brilhantemente se houve, que o juri, finda a sua exposição, deu o crime como provado, de que resultou a pena mais grave.

Vamos sempre insistindo em saber mais. O escrivão que escutamos cita o processo da Cruzada Nun'Alvares que deu lugar á prisão de muitos individuos, alguns de elevada categoria social.

Um episodio curioso nos é descrito nesta altura:

—Durante o julgamento viu-se que era necessario ouvir tambem um homenzinho pobre que era coxo. Procurou-se; não estava. E a Policia pôs-se em campo, para saber do seu paradeiro. Bateu todo o bairro da Ajuda, onde ele habitava, dias e dias andou em sua busca, mas nada! E até hoje nunca mais o coxo apareceu, nem nele se ouviu de longe falar—nem qualquer rasto se descobriu...

Menciona-se por fim o caso dos Transportes Maritimos, cujas diligencias policiais se estenderam até á America do Norte.

O sr. Caetano Ferreira afiança-nos agora que é tudo quanto a sua memoria lhe dita...

E não nos restando, portanto, forma de, através dêle, colhermos mais elementos, passamos a ouvir o escrivão sr. Sampaio de Andrade. Este fala-nos do processo das joias de D. Miguel. E pormenoriza:

—Não se sabia verdadeiramente onde paravam. Os herdeiros arrogavam-se com o direito a elas. Mas havia um documento—ou autografo—no qual se viu que D. Miguel fazia cessão das joias á irmã, a infanta D. Ana de Jesus Maria. Houve então um acôrdo, no qual se acabou por reparti-las, em partes iguais, pelos herdeiros desta e por aqueles outros. Demorou dez anos na relação este processo. As joias estavam estimadas em cêrca de cinquenta mil contos. E, quando feito o arrolamento, houve embargo por parte do Estado, que se julgava com direito a elas, pela posse em que há muito estava das mesmas. Posteriormente e por virtude de varios decretos publicados e de exames a que se procedeu, foi uma parte considerada de tamanho valor artistico e historico, que o Estado, pela sua Repartição do Patrimonio, a adquiriu recentemente, e por valor superior ao da avaliação.

Indagámos de processos arquivados ali na Boa Hora. E preguntámos pelo do assassinio de Sidonio Pais.

Responderam-nos que, de facto, se encontra lá, sendo até bastante volumoso.

—Se estas paredes falassem—insinuámos—que de episodios poderiam relatar e que nem sequer caberiam numa longa reportagem!

Alguem, então, diz-nos:

—Olhe, nestas paredes, ainda quando isto era um medonho e labirintico casarão, foram descobertos, entaipados, processos varios. Os operarios, ao deitá-las abaixo, com pasmo deram conta do curioso achado.

Como é regra no nosso país, a Boa Hora fôra tambem um convento. O claustro logo no-lo revela.

O primitivo edificio construido em 1633. Instalaram-se nêle os frades Dominicanos irlandeses, antecessores dos Dominicanos, que estão no Corpo Santo. Seguiram-se-lhes os frades da Congregação do Oratorio de S. Filipe Nery. Depois vieram os Agostinhos Descalços e o convento passou a denominar-se de N. S. da Boa Hora.

Deu-se entrementes o terramoto e o edificio ficou em ruinas; mas logo reedificado para o mesmo fim. Com a extinção das Ordens religiosas, ocuparam-no, temporariamente, diversas entidades. E estava nele instalada a Guarda Nacional quando a Justiça o pôs, finalmente, ao seu serviço.

Terá larga continuação a sua historia?

Só a pitia de Delphos o poderá esclarecer .. Como há tempos dissemos, o destino dos edificios é semelhante ao das pessoas: caprichoso, mutavel—e até por vezes estranho! Se ficar de pé, por lhe reconhecerem qualquer utilidade, sabe-se lá, quando a ustiça o largar, o velho casarão da Boa Hora—misterioso, soturno e bafiento, onde os miasmas se não devem sentir de todo mal—a que fim imprevisto se verá então aplicado...

UM BARCO ABANDONADO

numa praia do Estoril

O banheiro da praia Conde de Azarujinha, em S. João do Estoril, comunicou ás autoridades competentes que, naquela praia, apareceu abandonado um pequeno barco de vela, pintado de vermelho e de negro, sem quaisquer indicações de nacionalidade, de registo ou de proprietario.

O barco, que estava a poucos metros da praia, fundeado apenas por uma poita, foi puxado para terra e encontra-se junto á barraca de banhos. Se, decorridos quatro meses, não aparecer alguem a reclamá-lo e a provar ser o proprietario, o barco entrará na posse de quem o encontrou.

O TRANSPORTE DE CORREIO

no concelho de Baião

A proposito de uma local em que se focavam os inconvenientes que podem advir para o concelho de Baião, se vier a dar-se suspensão das carreiras do correio, por falta de pneus para a respectiva camioneta, informa-nos a A. G. dos C. T. T. que «já foi pedido á D. G. dos Serviços de Viação todo o interesse para a referida satisfação do assunto».

CASA DO DISTRITO DO PORTO

Tomou posse a comissão de propaganda da Casa do Distrito do Porto, constituida pelos srs. capitão Alfredo Cristino L. Fernandes, 1.º tenente Carlos Henriques, actor Erico Braga, Rocha Oliveira e M. Vaz Ferreira. A comissão organizadora será recebida ámanhã, ás 17 horas, pelo sr. governador civil.

Duas figuras lisboetas

(Continuação da página central)

tanque de barro liquido, de onde se salvou por milagre. Aos 18 anos era o proprietario e gerente da casa que o pai abandonara. Pelas suas oficinas passaram o rei D. Fernando, levado pelo pintor Cifka, e o artista Antonio Casanova, muito do rei D. Carlos, e que lá trabalhou. Mestre José Baudouin começou a produzir para os paços reais. No ultimo ano do seculo passado estabeleceu-se em Campolide, tomando para si depois a casa que fôra fabrica de louça do tipo das Caldas, pertencente ao visconde de Sacavem, na actual rua Soares dos Reis.

Com o andar do tempo e a convivencia com artistas sobretudo o ilustre José Queiroz, aprimorou-se na ceramica artistica. Deixava de ser um simples oleiro. Continuou as tradições da celebre fabrica do Rato, mantidas, primeiro, pela fabrica da Torrinha. Como Vicente Esteves, ele fez o rechelo de muitos palacios e casas particulares. Ajudou, com outros industriais de nome ainda em grande actividade, a renovar o gôsto pela ceramica portuguesa. Brilhou a grande altura no Rio de Janeiro e em Sevilha. Os modelos nacionais, Viana, Rato, Bica, Coimbra, as peças estrangeiras—serviram para a sua vocação sagrada de mestre do fogo e da tecnica, que se rodeou um tempo de bons pintores. A Ceramica de Campolide está hoje em actividade artistica muito reduzida, mas «Mestre Zé» êsse mantem a sua paixão, o seu orgulho, os seus olhos que entendem o fogo. Guarda o segredo do seu esmalte, como outro não houve em Lisboa.

E a par disto como mestre Vicente das Amoreiras—sempre mantenedor de usos e costumes lisboetas, alegre e pitoresco, dicionario de anecdotas pessoais, fingindo-se, ás vezes, desiludido, mas um tipo franco e direito, o Mestre Zé.

Os amigos dos dois artistas lisboetas da gema preparam-lhes, segundo julgamos, uma manifestação de simpatia. E bem a merecem estes homens de fibra antiga e leal porte, que já não é possivel arrancar á cronica de Lisboa.

Concurso para professor

de Medicina Veterinaria

Realiza ámanhã, ás 14 e 30, a sua 1.ª lição sobre o problema «Da geração espontanea no seu estado actual» o candidato ao concurso para professor extraordinario do 7.º grupo de disciplinas da Escola de Medicina Veterinaria, o licenciado em ciencias medico-veterinarias sr. dr. José Luiz da Silva Leitão.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Cons.do 2 1/2 T. 10 1943	960$	—	—
Consolidado 2 3/4 T. 10	953$	952$	954$
Consolidado 3% T. 10	1.003$	1.003$	1.004$
Consolidado 3 1/2 T. 10	1.046$	1.046$	1.047$
Consolidado 3 3/4 T. 10	1.035$	1.034$	1.037$
Consolidado 4% T. 10	—	1.012$	—
Consolidado 4 3/4 T. 10	—	1.113$	—
Centenarios 4 %	2.359$	2.358$	2.360$
Externas 1.ª série	—	—	1.880$
Externas 1.ª carimbadas	1.870$	1.860$	1.875$
Externas 3.ª série	—	1.900$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	—	1.940$
Caut. 3.ª série s/ juro	—	285$	288$
Do Brasil			
Emprestimo:			
5% 1895. T. 100 £...	3.950$	3.850$	3.950$
5% 1895. T. 500 £...	—	3.750$	—
5 % 1903, Porto Rio, Titulos de 100 £.....	5.300$	5.300$	5.350$
5% 1913, Titulos 100 £.	—	3.800$	3.950$
5% 1913 Titulos 500 £.	—	3.750$	—
5% 1914, F. T. 100 £...	—	5.800$	—
Acções			
Esp. St.º e C. Lx.ª port.	—	—	2.680$
Ultramarino cp. T. p.	365$	364$	370$
Portugal port. T. p....	1.660$	1.658$	1.660$
Mundial...	1.795$	1.795$	1.800$
Aguas Lisboa 1934 T. p.	250$	248$	—
Aguas Lisboa 1936 T. p.	240$	238$	245$
Cervejas Estrela	1.610$	1.600$	1.620$
Cimentos Tejo..	—	480$	500$
Cimentos Leiria T. p....	—	710$	—
Credito Predial por. ...	34$	34$	34$
Gás e Electricidade cup.	262$	261$	262$
Alto Alentejo cupão...	875$	872$	877$
Industrial Aliança... ...	397$	396$	398$
Portugal e Colonias ...	363$	363$	363$
Colonial de Navegação	1.195$	1.190$	1.199$
Port. Tabacos cupão....	—	546$	550$
Tabacos Portugal cupão	—	665$	—
União Electrica Portug.	—	535$	550$
Cassequel	916$	915$	916$
Agricola das Neves ...	736$	735$	736$
Agricultura Colonial ...	455$	455$	460$
Açucar de Angola.....	1.355$	1.352$	1.355$
Buzi 1.ª emissão T. p.	205$	205$	206$
Ilha do Principe	—	—	600$
Roça Vista Alegre. ...	325$	320$	330$
Zambezia T. de 25...	81$	81$	81$
Obrigações			
Aguas de Lisboa 5%...	—	540$	555$
Norte de Portugal 5%	—	114$	—
C. P. 6 %	270$	270$	271$
C. P. 6 % Beira Baixa	—	271$	275$
F.N.I. Moagem 5%T.p.	1.030$	1.030$	1.035$
União Elect. Port. 5%	—	112$	—

O ataque a Sofia anteontem foi identico aos «raids» a Berlim

ESTOCOLMO, 13.—O correspondente em Budapeste do jornal «Dagens Nyheter» informa que o ataque da aviação dos Aliados a Sofia, anteontem, foi o mais violento que se registou até agora contra qualquer objectivo dos Balcans. Os resultados do bombardeamento podem comparar-se aos daqueles que se registaram em Berlim. O correspondente acrescenta: «Foram lançadas muitas bombas incendiarias e grandes zonas da cidade ainda estavam em chamas na quarta-feira. O edificio do Parlamento, o Ministerio do Interior e as legações da Grã-Bretanha e da Russia ficaram seriamente danificadas. Os habitantes da cidade abandonam-na aos milhares, mas os meios de transporte são escassos».—(Reuter).

Os aviões alemães abatidos sobre Sofia

LONDRES, 13—Do Q. G. dos Aliados no norte de Africa anuncia-se que, segundo as ultimas informações sobre os combates aereos travados sobre Sofia, na segunda-feira, os bombardeiros americanos abateram outros 20 aviões inimigos, elevando-se as perdas a um total de 38.—(Reuter).

A evacuação de Sofia

LONDRES, 13.—O correspondente da National Broadcasting Company, falando de Ankara, hoje de madrugada, disse que o govêrno bulgaro ordenara a toda a população civil de Sofia que evacue a cidade, partindo para a provincia. Esta medida foi tomada em virtude dos ataques aereos dos bombardeiros britanicos e americanos.

O correspondente acrescentou: «Esta ordem foi ouvida hoje em Ankara, numa emissão da radio de Sofia. A mensagem diz que a população evacuada de Sofia será distribuida pelos distritos rurais, a partir de agora, segundo medidas tomadas pelo govêrno bulgaro. —(Reuter).

O novo comandante-chefe

da aviação inglesa no Médio Oriente

CAIRO, 13.—O oficial que comanda a base de Malta é o vice-marechal do Ar sir Keith Park. Anunciou-se agora que ele vai suceder ao marechal chefe do Ar, sir Sholto Douglas, como comandante aereo do Medio Oriente. Sir Keith Park tem 51 anos. Encontra-se em Malta há bastante tempo, e durante a sua estadia foram destruidos, sôbre a ilha, 1.019 aviões inimigos.

Sir Keith Park comandou um celebre grupo de caças na batalha da Grã-Bretanha. Depois esteve no comando aeronautico do Egipto.—(Reuter).

Chegou a Gibraltar

uma missão militar aliada

MADRID, 13—Segundo uma noticia de Algeciras, circulam boatos, segundo os quais, uma missão militar aliada que se deve dirigir á Africa do Norte, chegou a Gibraltar.

Como se diz, esta missão compõe-se de 8 personalidades, entre as quais um general sovietico e um comissario politico bolchevista.—(D. N. E.).

CRISE POLITICA NO CHILE

MADRID, 13.—O ministro chileno das Finanças, Arturo Matte Larrain, e o ministro da Colonização, Cavaldo, apresentaram a sua demissão como anunciam de Santiago do Chile.

Ainda não foram nomeados os sucessores dos ministros em questão.—(D. N. B.).

A opinião americana preocupa-se com a questão russo-polaca

ESTOCOLMO, 13.—A maneira sovietica de resolver a questão da fronteira polaca suscitou mau humor nos Estados Unidos, segundo uma correspondencia do representante do «Stockolms Tidnigen» em Nova York. Este mau humor domina completamente a opinião publica.

A declaração sovietica constitue um progresso, pelo facto do problema, até agora obscuro, para o grande publico, ter obtido uma clarificação. Oficialmente, Washington mantem uma atitude reservada e nada diz a tal respeito. No entanto, a Imprensa reage fortemente contra a maneira de agir dos bolchevistas e declara abertamente que o plano da actividade comum das três grandes potencias se encontra em perigo.

O «New York Times» escreve que os americanos têm sérios temores ácêrca da maneira de proceder dos sovietes na questão polaca. O jornal chama a atenção para os acordos da Conferencia de Moscovo e diz que os sovietes dirigiram á Polonia uma especie de «ultimatum», sem prévia consulta aos governos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Este modo de actuar constitue uma grande demonstração de desprezo e torna impossivel o estabelecimento de uma paz que seja duradoura.

Conforme acentua o correspondente do jornal sueco, os observadores politicos americanos vêem no plano sovietico uma fenda no acôrdo estabelecido e uma tentativa de Moscovo para resolver por si as questões de fronteiras, não apenas a da Polonia, mas as de todos os países.—(D. N. B.).

A atitude da Polonia comentada pelos russos

ESTOCOLMO, 13.—O serviço de informações de Moscovo difundiu uma nova posição do govêrno sovietico sôbre a questão das fronteiras sovietico-polacas. A comunicação repete, primeiro, a passagem relativa á fronteira oriental da Polonia contida na declaração do govêrno sovietico sôbre as relações sovietico-polacas de 11 do corrente e esclarece, depois, a origem e o traçado da linha Curzon. Diz-se na comunicação sovietica: «Por este tratado de fronteiras o govêrno polaco não chegou a acôrdo, em seu tempo, com a União Sovietica e continuou a guerra contra nós. Aproveitando-se da situação dificil da União Sovietica, a Polonia outorgou ao govêrno sovietico durante as negociações de paz, em Riga, em março de 1921, uma outra fronteira e apoderou-se das regiões ocidentais da Ucrania Sovietica e da Rutenia Branca sovietica.

Esta injustiça do Tratado de Riga de 1921 contra os ucranianos da Ucrania Ocidental e contra os ruténios brancos da Ruténia Branca Ocidental não foi apagada senão em 1939, quando, de «harmonia com um plebiscito efectuado numa vasta base democratica», foi criada uma nova fronteira polaco-sovietica.—(D. N. B.).

As escolas turcas

fecham este ano um mês mais cedo

ANKARA, 13.—O ministro da Instrução da Turquia, Hassam Ali Yudjel, aconselhou todos os estudantes que se encontram em Berlim a partirem para a Suiça e a continuarem os seus estudos em Zurich e em Berne. Frequentam actualmente universidades da Alemanha 350 estudantes turcos. O govêrno suprimiu quasi metade das ferias nas escolas da Turquia para que estas possam ser encerradas, este ano, um mês mais cedo. Portanto, deixarão de funcionar todas as escolas da Turquia em fins de abril proximo.—(R.).

A proximidade da invasão deve fazer cessar as discordancias na Yugo-Eslávia

CAIRO, 13—Os esforços não oficiais para abrir caminho ao entendimento entre o govêrno yugo-eslavo e o marechal Tito fizeram alguns progressos, segundo se soube a noite passada. A situação é ainda bastante confusa, mas há mais esperanças. Todavia, o tom das declarações oficiais do govêrno continua a ser muito áspero. A declaração de ontem atacava «os nossos inimigos do interior, muitas vezes dirigidos por estrangeiros e vagabundos, cujas intenções são apoderar-se do poder, a todo o custo, sem ter em conta os desejos e sacrificios da população».

A despeito desta declaração que comentava as relações aliadas com o marechal Tito, é possivel que o rei Pedro ponha de lado o general Mihailovitch, uma vez que se aproxima cada vez mais a data da invasão, antes da qual, segundo se pensa no Médio Oriente, o govêrno yugo-eslavo deve chegar a acôrdo com os partidarios.—(Reuter).

Ataque aereo ao porto do Pireu

CAIRO, 13—O comunicado de hoje do Medio Oriente diz: «Com bom tempo, os bombardeiros pesados da R. A. F. atacaram as instalações do porto de Pireu, que serve Atenas, na noite de 11 para 12. O bombardeamento foi bem concentrado e observaram-se muitas explosões nos cais. Foram provocados um grande incendio e varios de menor intensidade que ainda eram visiveis quando os nossos aviões já tinham percorido uma grande distancia na viagem de regresso. Ontem, foram atacadas duas escunas de abastecimentos, ao norte de Monemvasia, no sul da Grecia. Uma explodiu e a outra incendiou-se, ficando ambas a afundar-se. Nestas e outras operações não se perdeu nenhum dos nossos aparelhos».—(Reuter).

Começou a evacuação da costa francesa desde Cerbère á cidade de Cette

ZURICH, 13. — O «Neue Zuercher Zeitung» diz ter recebido de França a comunicação de que os patriotas franceses, em diversos pontos daquele país, destruiram com dinamite numerosas pontes e outras importantes vias de comunicação. Na segunda-feira ultima provocaram o descarrilamento de dois comboios militares, registando-se elevado numero de mortos e feridos. Ficaram desmantelados outros três comboios, que transportavam mercadorias para as forças de ocupação.

Todos os habitantes das povoações situadas na costa entre a fronteira franco-espanhola e Cette foram avisados de que devem evacuar urgentemente as mesmas e retirar para os locais que lhes foram designados pelas autoridades.—(U. P.).

Os japoneses tentaram um desembarque na Nova Bretanha mas foram repelidos

Q. G. DE MACARTHUR NA NOVA GUINE', 13.—Os japoneses tentaram desembarcar no Cabo Gloucester, na Nova Bretanha, sendo detidos pela artilharia e pela marinha americanas, segundo noticias oficiais publicadas hoje.

Grandes quantidades de barcaças japonesas foram atacadas ao longo da costa da Nova Bretanha e da Nova Guiné, por aviões aliados. Quarenta e três barcaças foram afundadas ou destruidas. Muitas delas encontravam-se cheias de tropas. Há indicios de que os japoneses tentam evacuar a faixa costeira entre Saidor e Sio, na Nova Guiné.—(R.).

Agrava-se a situação dos japoneses na Nova Guiné

LONDRES, 13—O correspondente especial da «Reuter» junto do Q. G. dos Aliados no sudoeste do Pacifico, James Henry, escreve: «Os soldados japoneses cercados no «corredor» costeiro da Nova Guiné afogam-se em grande numero quando tentam escapar-se. Unidades ligeiras navais dos Aliados surpreenderam um comboio de barcaças de evacuação ao largo de Saidor e afundaram 9 delas, todas completamente cheias de soldados. Outras 11 barcaças ficaram seriamente avariadas. A situação dos japoneses que se encontram ainda nesse «corredor» agrava-se á medida que os australianos avançam para o norte, a-fim de estabeleceram ligação com as fôrças americanas de Saidor.

Os australianos avançaram para além da ponta de Gneisenau, atingindo um ponto a uns 9 quilometros ao sueste de Sio. Tiveram de atravessar com muitas dificuldades, o rio Kapugar, que fica a 4 quilometros e meio a oeste do rio Buri, atravessado no dia anterior. Os aviadores aliados destruiram, pelo menos, 27 barcaças, muitas das quais carregadas de abastecimentos e transportando muitos soldados. Outras embarcações pequenas foram danificadas.—(Reuter).

Os americanos mantêm-se em Arawe

Q. G. DE MACARTHUR, na Nova Guiné, 13—Arawe, na Nova Bretanha, continua em poder dos americanos, segundo declarou hoje o porta-voz. Disse que a emissora de Toquio anunciara a retomada de Arawe. Todavia isso era «completamente exagerado».—R.

Novo «raid» americano a Bangkok

LONDRES, 13. — A agencia noticiosa japonesa anunciou: «A aviação americana voltou, na segunda-feira, a realizar um bombardeamento terrorista contra a cidade de Bangkok. O bombardeamento durou mais de uma hora.

A «Reuter» acrescenta não ter recebido noticias dos recentes ataques áquela cidade. O ultimo ataque deu-se em 23 de dezembro.—(Reuter).

A GUERRA NO MAR

Mais dois submarinos alemães afundados

WASHINGTON, 13—O Departamento da Marinha anunciou ontem á noite que aviões americanos afundaram mais 2 submarinos alemães no Atlantico sul. Uma das batalhas, em que colaboraram aviões do exercito e da marinha, durou quasi 6 horas.—(R.).

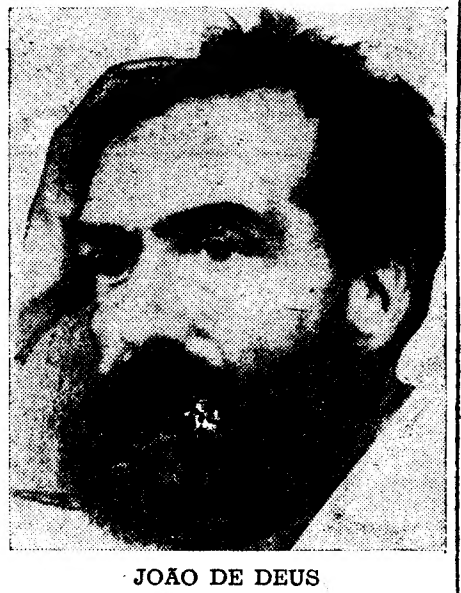
CAMEL CIGARETTES
¡FABRICAM-SE PARA DAR PRAZER!

Pagina literaria

João de Deus e Chénier

na critica de Charles Oulmont

O critico e romancista francês Charles Oulmont, cujos livros há muito lemos e admiramos em Portugal (recordem-se «Mulheres sem Homem» *e o estudo sobre* Bergson), *consagrou a João de Deus e á obra do poeta e do educador, por incumbencia honrosa do* «Grupo dos Amigos de João de Deus», *um amplo, documentado e notabilissimo ensaio. E' um trabalho de alto valor, em que o genio e a figura mental e moral do autor do* «Campo de Flores» *e da* «Cartilha Maternal» *são ora analisados, ora evocados com pleno conhecimento e segura compreensão da sua vida e das suas excepcionais capacidades criadoras. Grande serviço que Charles Oulmont assim presta á literatura da nossa terra, aqui o louvamos sem restrições, pedindo venia para transcrever o trecho seguinte, devidamente autorizados pelo ilustre escritor e pelo* «Grupo dos Amigos de João de Deus»:



JOÃO DE DEUS

«Para formar um juizo exacto do dom de «tornar a criar», de «criar de novo», que João de Deus possue como tradutor dum texto francês, basta conhecer a sua *«Jovem Cativa»*, irmã gemea de *«La Jeune Captive»*, de Chénier.

«E, antes de mais nada, prestemos-lhe homenagem pela corajosa decisão de ter escolhido um dos textos mais justamente celebres da nossa literatura poetica... Seria preciso inventar uma palavra nova para mostrar em toda a sua amplitude e em todo o seu valor a *«maneira poetica»* de João de Deus, se é que de *«maneira»* se pode falar, dado que não se trata nem de formulas, nem de normas artificiais, mas da fantasia mais livre e mais agil (Afonso Lopes Vieira diria: mais fluidica). Limitar-nos-emos ao essencial; e fieis aos nossos habitos, transcreveremos em apendice o texto integral português. Assim, quem esteja familiarizado com a lingua de Camões poderá avaliar exactamente o que eu apenas aqui indico.

«Veja-se primeiro o titulo *«Jovem Cativa»*, sem o artigo definido, a-pesar do emprego muito mais frequente desse artigo em português de que em francês. O segundo e terceiro verso:—*«Le pampre tout l'été boit les doux présents de l'aurore»*, transformam-se em:

... «O estio inteiro
Bebe o pampano as lagrimas da aurora».

O fim da estrofe *«quoi que l'heure présente ait de trouble et d'ennui. Je ne veux point mourir encore»*... torna-se mais simples, mais humano, mais semelhante a um grito de angustia e de revolta contra a morte:

«... hei-de eu morrer? Não quero!
Quero, mas não por ora!».

«E na 2.ª estrofe, emquanto Chénier fala da morte na 3.ª pessoa, João de Deus, mais directo, dirige-se á propria morte, interpela-a. Suprime certas palavras, como *«estoico»*; em vez de *«yeux secs»* evoca uma imagem de desespero:

«embora em lagrimas me lave;

e, da mesma forma, o vento norte não faz *«plier la tête»* da cativa, mas *«varre-lhe a face»*. Não opõe *«dégouts à miel»*, mas prefere (sempre mais simples) dizer:

«sem amargo que mel por mais suave»,

opondo «amargo» á doçura do mel.

«Na 3.ª estrofe substitue, como bom português adorador do mar, as *«campagnes du ciel»* de Chénier por *«aéreo oceano»*. E em vez do verso:

J'ai les ailes de l'espérance»,

escreve:

A asa nivea da fé não se agrilhoa,
Escapa ao laço da prisão maldita».

E porque tem o horror a tudo quanto possa agrilhoar a liberdade, acrescenta á palavra *«prisão»* o epiteto *«inhumano»*.

«Na 4.ª estrofe a mesma simplicidade nos versos de João de Deus e—confessemo-lo sem vão nacionalismo—identica superioridade sobre o original: *Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux»*, verso um tanto precioso e obscuro, é, na versão de João de Deus:

«Se em cada rosto a luz me abre um sorriso»

«Quando eu dizia não haver nem *«parti-pris»*, nem artificio esteriotipado na tradução de João de Deus, uma prova dessa afirmação vamos encontrá-la na 5.ª estrofe. De facto, é ele, desta vez, que prefere o abstracto *«destino»* ao *«beau voyage»* de Chénier:

«O fim do meu destino é lá tão longe»

em lugar de:

«Mon beau voyage encore est si loin de sa fin».

Mas não o faz senão para valorizar, dois versos mais adiante, a palavra *«viagem»*, que certamente João de Deus não quereria de nenhum modo omitir. Pelo contrario, sublinha-a... como musico mais de que como poeta, colocando-a onde melhor convem para lhe dar toda a sonoridade:

«Quantos passei dos alamos que adornam
«Esta bela viagem».

«Como mais acima, João de Deus, na 6.ª estrofe, prefere dirigir-se directamente aos homens, aos elementos, a tudo, emfim, de que empregar o estilo indirecto, sempre mais frio (e que, por exemplo, La Fontaine temia tanto que numa carta o denunciava como um vento do norte soprando sobre o *calor poetico*). *«Je ne suis qu'au printemps, je veux voir la moisson»*, exclama a Jovem Cativa em francês.

(Lêr cont. na 11.ª pag.)

OS ROMANCISTAS DE LISBOA

«Caminhada»

de Leão Penedo

Não são muitos os romancistas portugueses que extraem da vida um pedaço de barro palpitante e humido de humanidade. Para certas escolas e para determinados espiritos é preciso ser-se isto ou aquilo, introspectivo ou proustiano, tudo menos o que se é, com individualidade propria, porque, então, o que se pode considerar uma revelação, uma claridade fulgurante nas letras a espancar as sombras e os elementos alogeneos, não passa duma timida e, quando muito, simpatica promessa. Leão Penedo surge em plena luz, confortando-nos com «Caminhada» de muito papel besuntado de tinta que por aí anda convertido em falso *best-seller*.

Já em *Multidão*, o melhor romance citadino que se publicou nestes ultimos dez anos, Penedo nos deu uma imagem da cidade tentacular, com dezenas de figuras e de casos, em que o descritivo realista em notas agudas de critica atingia um singular impressionismo. Era pintura viva, por vezes, cruel, em planos directos —onde o escritor, com as mãos ennegrecidas do sangue e da lama que ressumavam dos seus modelos, criou dramaticas e crueis presenças humanas, numa analise funda de caracteres, cuja externidade ambiente e o mecanismo psicologico eram, argutamente anotados. Nesta «Caminhada», Leão Penedo dá-nos um drama da cidade, que tem como foco a existencia das varinas, dos descarregadores e dos operarios, entre a linha negra das docas e o vetusto convento das Bernardas, ali a Santos.

Não se julgue que o livro vive de descritivos, embora tenha alguns magistrais, como a estiva do carvão, a lota, e o «conto». O que nele interessa, sobretudo, é o movimento das almas, o pitoresco daquelas existencias, duramente fustigadas pelo trabalho e a distinção dos caracteres copiados do natural, com todos os seus altos e baixos, fugas e sonhos, num amalgama intensa de pormenores caracteristicos. «Caminhada» é, sem duvida, um dos melhores romances do nosso tempo. Leão Penedo conquistou um lugar de vanguarda. Não é, apenas, uma vocação de romancista, mas uma personalidade que começa por onde muitos acabam.

Litania barbara

em louvor de Baudelaire

Baudelaire, numa das suas conferencias, em Bruxelas, por ele realizadas a pouco tempo de ser apanhado no «maelstrom» da hemiplegia que, antes de o arrebatar para sempre, o teve, vingativamente, durante meses, banido da vida lucida, a mastigar um átono e molinhoso—*'Cré Nom!*,—Baudelaire foi vitima do percalço seguinte:

Começou a falar p'ra uma trintena de ouvintes (uma das suas mais belas palestras, note-se, sobre a poesia e poetas do seu tempo, toda em improvisações flamejantes e violações sacrílegas do estabelecido, e, *a-pesar disso*, com o saboroso ordenamento classico, com que ele disciplinava a boemia desorbitada da sua fantasia.

Em meio dos dizeres já tinham saído uns quinze, num deslizar de sombras não-concordantes, com esse «em bicos dos pés», que é uma impostura soez da discreção e estridula muito mais que uma assuada.

Vão-se outros. Mais dois, agora, num acamaradar de silhuetas hostis, botas rangentes, repercutindo: —Co'a breca! Mas que estopada!

Com as deserções sucessivas a sala está a ganhar um friozinho de cripta, que aquecem ainda um pouco o estrelejar dos conceitos e a irreverencia escarlate das *boutades*, mau grado o descaso e a desatenção manifesta, librando-se e não emurchecendo no seu ardor, como se estivesse em frente uma assembleia conturbada, presa, electrizada.

Vai terminar... jogo de aguas magnifico de paradoxos audazes e de exultação poetica!

Apenas um rest aainda, na debandada afrontosa. Colado na sua cadeira, resistiu até o fim a todas as instigações desmoralizadoras da incompreensão e do irrespeito canhestro.

Simplesmente, esse dormia um profundissimo sono, a máscara numa abdicação regressiva, babando as lividas atonias da quasi-morte!

Claro que dêsse *insucesso* retiraram conclusões de galhofa e menoscabo as insossas «mulheres da esfrega» do jornalismo e os escritores de noticias de anos e «partidas e chegadas», que são sempre as môscas de côche, quizilentas, dos que perpassam, chamejantes de Sonho, cesares do irreal, a tiritarem de isolamento e desconforto na purpura cénica do seu orgulho.

Mas, Deus louvado! a posteridade não toma conta do que debicam e zangarreiam comadres de patamar. Os «juizos da Historia» têm mais que fazer do que voltar a cabeça a escutar

(Lêr cont. na 11.ª pag.)

O PRETO NO BRANCO

A refugiada e o advogado

Esta historia passou-se com um colega meu que teve a ideia de ma contar. E eu transmito-a apenas sem nada lhe acrescentar ou restringir.

Foi isto no principio da guerra, quando uma onda de pobre gente que fugia da borrasca veio parar á «ocidental praia lusitana», em busca de porto de abrigo. A vida é uma coisa complicada e ecletica. Quero eu dizer que o tragico e o burlesco não estão separados por compartimentos estanques. Não se combinam, mas misturam-se, e isso permite a quem a observa escolher o ponto de vista. Os optimistas, os bem humorados, vêem-na côr de rosa. Os que sofrem de figado estão dispostos a pôr crepes num casamento. E foi por isso que o meu colega que me contou a historia, ao vêr, uma manhã, entrar-lhe pelo escritorio, a consultá-lo, acompanhada duma dama de companhia, esta velha fugitiva da guerra, a custo reprimiu uma gargalhada. Porque, na verdade, pode-se viver uma grande tragedia, sob o aspecto burlesco duma personagem de farsa. D. Quixote tem dentro da alma um grande sonho e nem por isso deixa de ser o Cavaleiro da Triste Figura. Nem sempre as tragedias humanas revestem as formas que lhes daria Gustavo Doré e, por pirraça, a Natureza dá-lhes um exterior copiado de Gavarnin, Caran-d'Ache ou do nosso Bordallo. Assim, esta espantosa condessa polaca, vestindo brocados em farrapos, cintilante de joias, com brilhantes absurdos nas orelhas e a cara suja, apoiando-se a uma muleta de castão de oiro e marfim, e com as meias caidas, opulenta e andrajosa, muito alta, muito feia, muito magra, fazia logo pensar de que mina de pedrarias ou de que cano de esgoto saira tão formidavel argamassa. Ela gritou logo da porta que queria «ein advokat» e o meu colega, que estudou alemão nos liceus, desde o terceiro até ao setimo ano, em que ficou distinto, desconfiou pelo som das palavras que, se não fosse inglês a lingua que ela falava, era com certeza alemão—a menos que não

RAMADA CURTO

(Lêr cont. na 11.ª pág.)

OS LIVROS DA SEMANA

BERGSON,
por CHARLES OULMONT
PEQUENA HISTÓRIA DA ESTÉTICA,
por GINO SAVIOTTI

I—Bergson e Benedetto Croce

Tenho diante de mim duas obras escritas por estrangeiros eminentes e publicadas em Portugal em lingua portuguesa. Uma delas foi directamente escrita, ao que parece, na nossa lingua. E' a *Pequena Historia da Estética*, de Gino Saviotti, director do Instituto Italiano em Portugal, obra editada pela Coimbra Editora na sua Colecção «Universitas»! A outra, traduzida para português por José Marinho, um dos mais cultos espiritos da sua geração, é o *Bergson*, de Charles Oulmont, e constitue um dos Cadernos culturais da *Inquérito*. Não são obras que requeiram a intervenção da minha critica, tão acima de mim a competencia de quem as escreveu. Ambas afloram, porém, problemas que me são caros. Pode dizer-se que aprendi o pouco que sei de filosofia nas obras de Bergson; com a obra de Benedetto Croce me instrui na historia da estética. Ora a verdade é que a *Pequena Historia da Estética*, de Gino Saviotti, confessadamente se apresenta como o roteiro da formação evolutiva da ideia de estética de Platão a Benedetto Croce. Dir-se-á que se não trata tanto de uma historia da estética universal, como de uma historia de estética italiana, não querendo dizer com isto que os nomes de Vico, De Sanctis ou Croce não sejam dos mais eminentes entre aqueles que através dos tempos se têm ocupado com tal problema. Será de estranhar, no entanto, que um leitor apaixonado de Bergson faça reparo á exclusão do nome do seu mestre de uma historia da estética. Para me suscitar tal reparo aí estava o facto de eu ter lido na mesma ocasião a obra de Saviotti e o tão sugestivo caderno de Charles Oulmont. Se a estética não ocupasse, realmente, um dos lugares mais importantes na obra do filósofo de *Le Rire*, bastaria o facto de Charles Oulmont ser um escritor—um artista—para a sua atenção ter sido atraida na obra do mestre, pelo que nela há de definitivo em materia de estetica. De facto, não creio que Croce tenha ido além de Bergson no estudo do problema. Aliás, é flagrante a identidade de pontos de vista, neste particular, entre o filosófo italiano e o francês.

II—O «Conceito de Arte» na critica

Escusado me parece, portanto, a intervenção da minha critica no estudo destas obras, em que naad há a dizer ao claro espirito de sistema de Gino Saviotti e á fluencia elegante, apaixonada e devota de Charles Oulmond, que nos deu, ao mesmo tempo que um retrato desconhecido e intimo do mestre da filosofia francesa, um breve, mas inteligentissimo, panorama do seu pensamento. Já que a leitura destes dois livros me aproxima de problemas que me são caros, aproveitarei a oportunidade para á sombra deles ratificar alguns pontos da minha própria estética sujeitos a erradas interpretações.

Há quem tenha reparado, displicentemente, que, de há tempo a esta parte—da *Presença* para cá—se começou a usar na critica portuguesa, com uma insistencia alarmante, a palavra Arte. Quando algum dos criticos da nova geração—chamo-lhe nova, esquecido, lisonjeiramente, dos seus quinze anos de existencia,—quando algum desses criticos, dizia, ao referir-se á literatura, a engloba na designação genérica de Arte, costuma haver quem proteste.

Não há motivo para protestos: a literatura é, de facto, uma arte. Se não fossemos nós a afirmá-lo, qualquer o afirmaria, tão corrente é tal verdade de La Palice. Mas, afirmando-o, não obedecemos apenas a um mandato do bom senso, patenteamos uma identidade de vistas com as correntes mais modernas da estética. Gino Saviotti lá o diz a p. 67 da sua *Pequena Historia:* «a nova doutrina» a de Croce, está claro «destroi ainda um ultimo prejuizo: aquele—antiquissimo—da possibilidade de distinguir *varias formas particulares da arte*, absolutamente diversas e independentes umas das outras, isto é, com leis próprias, donde viria a necessidade de uma estética particular da poesia, outra da pintura, outra da escultura». Que mais será preciso para identificar com as mais recentes correntes da estética esse «prejuizo» da moderna critica portuguesa mercê do qual pintura, poesia, escultura, romance ou teatro são Arte, Arte apenas? Claro que Bergson se não afasta deste ponto de vista. Pelo contrário, reforça-o. Para demonstrá-lo, bastará citar o passo transcrito por Charles Oulmont, onde se diz: «O sentimento do belo não é um sentimento especial, qualquer sentimento experimentado por nós revelará caracter estético desde que tenha sido sugerido e não determinado». Certo é, no entanto, estar mais patente na estética de Croce. E' desse ponto de vista que o filósofo italiano partirá para a justificação de que toda a critica de arte,—qualquer que seja, ou seja qual fôr o sentido em que a arte se exerça, como diria Bergson, pois «c'est par un sens, et par ce sens seulement, que l'artiste est ordinairement voué á l'art», como se lê em *Le Rire*,—dele partirá o filósofo italiano para afirmar que «antes de tudo é indispensavel ao critico um justo conceito de arte: armado desse conceito, ele deve certificar-se se a obra que ele vai examinar lhe corresponde e em que medida». Benedetto Croce põe-me assim de acôrdo comigo próprio quando penso que não estou em erro fazendo apoiar os meus pontos de vista criticos num «conceito de arte».

Eis outro ponto onde certos criticos do nosso país costumam ser atacados. Não me excluirei do seu numero. Ao facto de a minha critica assentar num «conceito de arte» chamam alguns «prejuizos», outros «limitação». Não vale falar no mais que outros lhe chamam... O certo é que Croce me ajuda a erguer a luva e a reafirmar, perante aqueles que supõem possivel uma critica não apoiada num «conceito de arte» que há de facto um «conceito de arte» na minha critica e que nada me seria dado fazer em critica desde que por detrás dos meus juizos não estivesse um «conceito de arte».

Quando em critica tal conceito não existe como doutrina consciente, jaz no substracto obscuro do «gôsto» do critico ou nas suas tendencias inconscientes. «Para poder fazer este exame» diz Croce, o exame critico, claro, «é necessario que ele (o critico) reviva a obra de arte, a reproduza na suá fantasia, pondo-se nas condições do artista no momento em que ele produza as suas imagens, refazendo, por assim dizer, em sua companhia, o mesmo caminho. Assim poderá determinar quando é que ele se desviou ou se manteve na mesma rota. Sem estas reproduções, não é possivel fazer um juizo critico daquela imagem, isto é, medi-la, confrontá-la com o conceito de arte, para ver em que medida essa imagem é verdadeira, fantasia genuina, e em que parte ela foi, pelo contrario, perturbada por elementos intelectualistas: pela vontade, pelo racicionio, pelas paixões da vida que invadem a pura paixão da arte (prejuizos, fraquezas, preguiça, pressas, preocupações economicas, de progresso, etc.)». Nem todos são capazes de um tal juizo, afirma Croce. «Nem todos estão á altura» de fazer tal critica, «porque nem todos têm aquela precisa sensibilidade, que vulgarmente se chama «bom gosto». «Sem bom gosto falta a experiencia da arte». Isto é evidente, como não podia deixar de ser. O «conceito de arte» é necessario, mas só por si de nada vale. Quando se afirmar, portanto, que um determinado critico erra nos seus juizos, muito mais razoavel será dizer-se que os seus erros são devidos a escassez de sensibilidade que a rigidez de principios, desde que os principios em que a sua critica se apoia sejam tão amplos quanto conceito de arte de Croce ou Bergson.

III—Realismo e idealismo na arte

Aqui se levanta outro problema que eu não quero deixar sem comentario, já que a obra de Charles Oulmont me proporciona tal oportunidade. Qual o meu «conceito de arte»? Segundo um artigo da *Brotéria* intitulado *A Arte pela Arte*, e assinado João Mendes, eu sou um «dos criticos representativos dessas tendencias egocêntricas» abominadas pelo referido autor. Isto é, na base da minha critica está o ódio á realidade. De facto, num dos meus livros há uma serie de ensaios de estética subordinados ao titulo: «Contra a realidade». João Mendes, com uma dialéctica que faz honra á escolástica, expõe, no dito artigo, os seus pontos de vista sobre a arte e a realidade. Como era de esperar, pede auxilio a Aristóteles. Eis por que a minha estética se filia no idealista Hegel. A' puridade afirmo que não foi o autor da *Fenomenologia do Espirito* que concretizou os meus pontos de vista na matéria, mas sim a leitura de *Le Rire*, de Bergson, logo seguida pelo estudo do *Essai sur les donnés immédiates de la conscience*. Ora Bergson, neste capitulo da estética, continua ainda hoje, para mim, o filosofo que lisse a ultima palavra. E é ele quem afirma: «C'est d'un malentendu... qu'est né le débat entre le realisme et l'idéalismo dans l'art. L'art n'est surement qu'une vision plus directe de la realité. Mais cette pureté de perception implique une rupture avec la convention utile, un désintéressement inné et spécialement localisé du sens ou de la conscience, enfin une certaine immatérialité de vie, qui est ce qu'on a toujours appelé de l'idéalismo. De sorte qu'on pourrait dire, sans jouer aucunement sur le sens des mots, que le réalisme est dans l'oeuvre quand l'idéalisme est dans l'ame, et que c'est á force d'edéalité seulement qu'on reprend constot avec la réalité». Perante isto, a arrumação formal da minha pessoa na categoria dos idealistas fica malograda. Mas vejamos em que a idealismo de Aristóteles pode servir para explicar o problema da estética. Croce, pelo menos, afirma que o Estagirita, ao chegar, exactamente, ao ponto em que deveria explicar como imita a arte a realidade sossobra, e a sua *Poética* fica a meio caminho de uma solução aceitavel. Ora João Mendes, apoiado em Aristóteles, crê, peremptóriamente, que se a arte não imita a realidade é apenas porque tal o não logra o espirito humano. Imitar a realidade é porem, o fito supremo do artista. E' porque o não consegue que o artista se vê forçado a escolher nela os elementos mais de acôrdo com a sua espiritualidade dele. Mas não há duvida, diz João Mendes, que a realidade existe antes do artista; artes do homem, e fora dele existe a realidade. Sem nos querermos embrenhar nos problemas do conhecimento, diremos, apenas, que bem vistas as coisas, afinal, para o proprio colaborador da *Brotéria*, a realidade em si mesma não é um valor estetico. Para o ser, carece o homem, que é artista, de lhe acrescentar alguma coisa. Eis-nos de novo como óbice que Croce encontra em Aristóteles: desde que a arte é uma imitação da realidade—da aparencia real—a arte é uma vã sensualidade. A imaginação, quer para Platão, quer para Aristóteles, era, na verdade, uma faculdade mediadora entre os conceitos e os sentidos, não uma actividade produtora. Assim se exprime Croce no seu tratado de *Estética como ciencia da expressão e linguistica geral*. De onde se depreende que, para aqueles que entendem que a arte é mera imitação da realidade, a arte não vai além de um estéril exercicio dos sentidos. Ciente disso, João Mendes faz intervir as ideas como animadoras da realidade. «Por ter visto coisas majestosas», escreve, a nossa inteligencia «formou espontaneamente a ideia de majestade». Uma vez formada esta ideia na mente do artista, este, amanhã, se descobre que a realidade quere exprimir grandeza, «comove-se com aquela dificuldade de expressão, e procura, nas suas obras, ajudar o gemido da matéria a articular a palavra livre. A isso se reduz, no fim de contas, a idealização artistica».

Escuso de mostrar o malogro deste esforço dialéctico para dar sentido ao que o não tem. O erro de quantos se ocupam de arte sem se atreverem a dar-lhe aquela autonomia a que tem jus patenteia-se sempre da mesma maneira. Para esses a arte é tudo que quiserem menos qualquer coisa de concreto e humano. Bisantina ideia esta de insuflar á realidade ideias abstractas para ela entrar na arte como espirito e não como sensação! Ao contrario do que os espiritos aristotélicos supõem a arte, sangue e vida, não se deixa fechar nas gaiolas da abstracção. De facto, o artista não pode exprimir sem imitar, mas o homem só é artista na medida em que vence a tendencia geral do espirito para a imitação.

A arte não é, pois, um esforço inglório para atingir a realidade aparente das coisas. As coisas, na sua aparencia, são inexpressivas e vazias de sentido. Bergson viu claramente a questão. E' inutil recorrer-se a jogos de dialéctica para explicar o que o próprio senso comum tem patente. Os homens só vêem, habitualmente, na realidade aquilo que os seus interesses nela descobrem. Um par de botas não passa de um par de botas para quem o calça: para o pintor um par de botas pode ser o motivo fundamental de um quadro. A visão do artista não procura fixar, ou imitar, a realidade aparente das coisas, mas, sim, revelar-se através delas, descobrindo nelas o que nelas há de puro, de unico, de virginal. O homem move-se entre generalidades e simbolos, habita uma zona intermédia entre a realidade e ele proprio, como diz Bergson. «De longe em longe, por distracção, a natureza suscita almas mais desintegradas da vida», e é nesse momento, quando essas almas desinteressadas, puras de qualquer intenção utilitária se debruçam sobre a realidade, que a realidade se lhes oferece «na sua pureza original». Então fixam nas suas obras aquilo que toda a gente vê—não a realidade aparente—mas aquela realidade que faz parte de nós mesmos e nós habitualmente não vemos sequer em nós proprios. Quere dizer que a finalidade do artista não é imitar seja o que fôr exterior a ele, mas, muito pelo contrario, inserir a sua própria realidade profunda na realidade do mundo de que ele é parte. Ora a realidade profunda do homem e do mundo não é coisa tão mesquinha e transitória que se limite ás folhas verdes de uma arvore que o outono tornará em oiro e os ventos do inverno levarão consigo: a realidade profunda do homem e do mundo, se não está na realidade nem na idealidade, é porque se encontra naquele ponto de encontro de uma com a outra: entre o que o chamem é e o que o mundo lhe parece. Eis por que me não repugna manter o ponto de vista de que a arte é deformação da realidade; basta que se entenda que a realidade a que me refiro é a realidade aparente e não a sua essencia virginal e perene. Viver, diz Bergson, é habituarmo-nos; ai daquele que se não adapta á linguagem e aos costumes dos homens!

Para os homens é um louco. Artista é o homem que se não habitua á vida, ou, pelo menos, é o homem que se compraz em não acompanhar os outros na sua visão comum da realidade. Por isso mesmo, ao artista é dado o condão de nos despertar do nosso seno de autómatos. Eis a razão de a arte ser considerada quando não imita e é original e livre, uma actividade nefasta. Compreende-se o empenho de João Mendes em fazer regressar a arte aos limites cómodos da imitação. Se a arte fosse imitação, seria muito mais facil de domar. Bergson dá-lhe o privilégio de despertar em nós «o elemento trágico da nossa personalidade» e Benedetto Croce, através das palavras de Gino Saviotti, conclue como todos aqueles que sempre entenderam que a arte são serve seja o que fôr ou seja quem fôr. mas, pelo contrário, se afirma na vida como um elemento de descoberta e irreverencia. «A arte é na realidade fantasia», pensa Benedetto Croce, «tem por base apenas as imagens. Não classifica os objectos. não trata de estabelecer se não reais ou imaginários, não os define; sente e representa. E' a impressão original, ingénua, que as coisas produzem no nosso espirito maravilhado, antes que a razão os considere na sua essencia; quando ainda são para nós simples imagens, sem qualquer valor filosófico, histórico, religioso, moral ou politico. Não é preciso mais para que a associação de Bergson e de Benedetto Croce, fundadores da estética moderna, se justifique neste artigo, graças aos dois livros que Charles Oulmont e Gino Saviotti acabam de publicar.

JOÃO GASPAR SIMÕES

T. S. F.
Reparações em toda a classe de receptores por muito dificeis que sejam, executam-se na bem conhecida
ELECTRO-LISBOA, L.DA
Basta telefonar e, sem mais incómodos, V. Ex.ª receberá o seu Rádio devidamente afinado
ORÇAMENTOS GRÁTIS
246, 248. RUA AUGUSTA — Tel 20568

tachex
Tira-nódoas
A' venda nas drogarias
Distribuidores:
FERNANDES & PINTO, LTD.
R. Maria Andrade, 33-1.º
Lisboa
Tel. PBX 5 2590

NO CAMINHO
Pelo prof. ANTONIO CAMARA
Prefaciado pelo prof. Marcelo Caetano
Um livro que era preciso escrever
A' venda nas Livrarias
Proprietaria da edição: CASA DO AGRONOMO. Quinta da Aldeia, *Sacavem*

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 9.ª pag.)

fosse holandês. Que o meu colega é muito instruido.

Mandou sentar a senhora com requintes de delicadeza, e disse-lhe, no melhor francês que pôde arranjar, que conhecia muito bem o Goethe, que ele era «die gröste deustche Dichter», *que o Schiler tambem era um escritor bastante satisfatorio, e outras amabilidades congeneres. Eis senão quando a senhora que se pusera a falar torrencialmente alemão sem obter resposta que lhe conviesse, desatou a falar polaco! O meu colega recostou-se na sua cadeira, com o mais acolhedor dos sorrisos, e á primeira pausa nas frases interrogativas—o tom de pregunta é o mesmo em todas as linguas e um sujeito com um bocado de atenção percebe logo que o interrogam—á primeira pausa no polaco da consulente, respondeu-lhe com gravidade e em francês:*

—Parfaitement... Encore vous le dites...

Valeu-lhe na emergencia a dama de companhia que lhe expôs o caso em francês—quasi tão mau como o do meu colega. A madama, a sr.ª condessa disto e princesa daquilo, titulos que pareciam pedradas atiradas com a bôca, queria saber se os seus documentos estavam em regra. O advogado examinou os documentos e teve o prazer de constatar que os «visás» da sr.ª condessa ou da sr.ª princesa, estavam perfeitamente em regra. Bem como as cartas de credito sobre Bancos da America do Norte, sobre Bancos de Espanha, sobre Bancos dos nossos. Só lhe faltava sobre o Banco dos Reus. A princesa era uma senhora «de peso»—e tambem, por isso mesmo, e para o que désse e viesse, tinha carta de credito sobre Bancos da Argentina. A sua situação já estava regularizada entre nós—país acolhedor, por excelencia, e, por aí, não metia o barco agua. Mas a senhora condessa queria depressa, depressa, uma passagem no «Clipper», ou no primeiro navio! O meu colega, risonho e amavel, informou-a de que não era agencia de navegação. A criada ou dama de companhia traduziu-lhe a resposta e a patrôa começou a gritar coisas furiosas na sua lingua e brandiu a bengala de marfim e ebano, com castão de oiro, de forma que o meu colega recuou, prudentemente, a cadeira e disse de novo:

—Parfaitement... Vous avez raison...

Mas o pior não era isto. O pior é que tinham dito á senhora princesa que ela não podia levar nem no avião, nem no navio, o Gluck.

O Gluck? Quem era o Gluck?

Foi então que a consulente abriu um saco de peles que trazia e tirou de lá uma coisa inverosimil, que parecia uma foca, com olhos de rã, muito gorda, muito peluda, com dois grandes dentes saindo-lhe dos cantos da bôca e que começou, emquanto a dona o beijava como a um filho de mama, a rosnar em surdina para o meu colega. E foi por isso que o meu colega percebeu que «aquilo», o Gluck, era um cão, um cão como nunca viu outro, hibrido com certeza de macaco e vaca marinha, cão do polo, caricatura monstruosa nascida do capricho dum gato para desacreditar a especie rival.

Mas o meu colega, que gosta de bichos, que é curioso e que queria ser amavel para a consulente, disse logo:

—Oh! mais c'est charmant, c'est drôle, le petit...

E estendia a mão, tentava uma festa, quando o monstro, rapido como um relampago, fez ão, e ferrou-lhe uma dentada num dedo, que lhe fez sangue!

O meu colega exclamou qualquer coisa em português que as estrangeiras não perceberam e atou o lenço ao dedo.

Na verdade ele não podia fazer nada acêrca da passagem a bordo do avião ou do navio do adoravel Gluck. E olhava o monstro com olhos assassinos.

*A dona, nem em polaco lamentou o sangue que lhe corria do dedo e levantou-se desdenhosa e fula, encaminhando-se para a porta. A dama de companhia, seguindo-lhe no encalço, informava o meu colega em voz baixa, que—*cette pauvre dame *era rica, rica como ele nem calculava... No seu país tinha aldeias, vilas inteiras que eram dela—*la pauvre! *O meu colega, estancando o sangue, preguntava:*

—E o cãosinho? Ainda tem mãe?...

Eu ri da historia que o meu colega me contou e interroguei:

—E, ao menos, pagou a consulta?

—Não. Nem o tratamento. Bem vês, uma princesa, com aquela fortuna e uma fera daquelas, atacada de «dedofobia»», não paga nem consultas, nem acidentes de trabalho...

João de Deus e Chénier

(Continuação da 9.ª pag.)

«*Estou na primavera, ó segadores!*», diz o texto de João de Deus. E é tambem nessa estrofe que podemos admirar a «*musicalidade*» do poeta português, musicalidade que o leva a fazer rimar os primeiros e quartos versos, os segundos, terceiros, quintos e sextos, arejando assim a estrofe com essa claridade do quarto verso que é, simultaneamente, uma iluminação de toda a estrofe e um ponto de intercepção.

Estrofe seguinte:—em vez de «*concerts*» do texto francês, João de Deus emprega simplesmente «*cantos*». «*Concerts*» têm, como efeito, não sei que ar precioso, no sentido seculo dezassete, um perfume de preciosismo que João de Deus evita. Chénier escreve:

«*Pour moi, Palès encore a des asiles verts;*

mas Palàs não pode seduzir João de Deus, que simplesmente escreve «o campo», voltando as costas á panoplia mitologica.

«*Pour moi, Palès encore a des asiles verts*»,
«*Les amours des baisers, les Muses des concerts*»

«E desses dois versos, dos quais só a ideia é feliz, João de Deus destroi ao mesmo tempo a preciosidade e... o êrro de sintaxe: (*les amours* que exigiram o verbo no plural), assim como, «casto» sempre casto, substitue «*baisers*» por «*segredo*», palavra depois da qual põe varias reticencias, reticencias de sonho, diremos nós, e não de suspensão, ou, melhor, muitos pontos de discreto significado:

«*Guarda-me ainda o campo grutas verdes,*
«*A musa, cantos, e o amor... segredo!*»

«Mais sentimento de revolta, tambem, em João de Deus de que em Chénier, quando a jovem cativa repele a morte:

«*Je ne veux point mourir encore*»,

torna-se em:

Não morro, não, por ora!

E avalia-se bem tudo quanto a repetição da palavra pode ser feliz, no fim da estrofe seguinte que é, aliás, a ultima do texto de João de Deus:

«*Et secouaht le faix de mes jours languissants,*
«*Aux douces lois des vers je pliais les acents*
«*De sa bouche aimable et naïve*»,

escreve Chénier. Mas João de Deus:

«E eu, as languidas magoas sacudindo,
«Moldei em dôce verso as dôces notas
«Dessa jovem cativa»,

e acaba assim propositadamente o poema pelas palavras «jovem cativa», especie de «chamada sintetica» de toda a composição.

«Evita ainda alongá-la não traduzindo a estrofe ultima de Chénier, porque ela desagrada á modestia do poeta português. O prazer que, nas palavras do original, o leitor deste poema experimentará (o exito do autor, por conseguinte), João de Deus nunca publicamente a confessaria, se acaso o previsse. Prefere deixar-nos sob a impressão forte da ultima estrofe, sob essa como que derradeira homenagem á heroina, e não falar de si...

CHARLES OULMONT

Litania barbara

(Continuação da 9.ª pag.)

coisinhas e arremedos de momices, que já trazem no proprio cructar o seu epitáfio...

* * *

Tudo isto a-proposito do que, num artigo esquecido, escreveu Edmond Jaloux sobre o *fresquista*-poeta das *Curiosidades Esteticas*.

Tinha vindo a falar de Edmond About: da sua esplendencia mental de quotiliquê; da sua vulgaridade enfática de pequeno planeta mentindo basofias de astro autonomo; do *chateau* e das «residencias de prazer», que ele adquiriu com o repululamento facil dos «linguados», e, dir-se-ia que acicatado pela terrivel dialética dos contrastes, termina evocando o pobre homem de genio, que passou a vida toda a ser o saltimbanco das suas impossibilidades convulsas, figurando-o «a errar sem fim através da sua solidão», sob os fustigos da chuva, no Paris ingloriamente bonapartista de 1860, e a anotar num caderninho intimo, dez vezes seguidas, que tem de saldar numa taberna uma divida ridicula de onze francos...

...a errar sem fim, e debatendo, á certa, os problemas contraditorios da sua *psiché* do atormentado, onde coincidiam, sem se juxtaporem, um herético e um mistico.

Sobre o segundo Anatole France conta isto, não sei onde:

Uma vez, de visita em casa dum parente, que havia chegado dos esplendores *veronésicos* da Oceania—este, depois de lhe falar daquelas paisagens de sêda multicolores, em que o misterio e o estranho são a alma errática, confidente, das coisas, mostra-lhe uns tantos manipansos, qual deles o mais hórrido, a carantonharem em grupo todas as agressividades do imperfeito, e que eram, para a dulia simplista dos naturais, outras tantas personificações de deuses; e apontando, *de facto o mais feio*, acrescenta, com um vinco retorico de fastio:

—Aquele, além, é inconcebivel de hediondez. Estou decidido a deitá-lo ao lume.

...ao que o autor do *Spleen de Paris* contravém, pálido e crispado dum mêdo retininte:

—Não faça você isso! Quem sabe se não será *o verdadeiro?!*

Quanto ao herético... Num restaurante, num jantar com um amigo, pede ao servilhete não sei que *prato*, entre muitos, o preferido, e elucida, com uma bonomia aureolada, tal um grande actor, seguro do *efeito*, que vai produzir:—Eh, tem um gôsto a cerebelo de criança...

CARLOS PARREIRA

Um novo ROMANCE UNIVERSAL da Portugália Editora

C., o grande romance de Maurice Baring, traduzido em português por Cabral do Nascimento

Na *Nouvelle Revue Française*, a quando do aparecimento de *C.*, o romance de Maurice Baring, que a Portugalia Editora acaba de lançar em Portugal, André Maurois escrevia: «A simplicidade de tom é soberana... Graças á sua uniformidade, a *durée* apodera-se da materia do livro. O contraste, ao mesmo tempo terrivel e calmante, entre o tragico dos acontecimentos e a impassivel indolencia do Tempo, surge, assim, na ficção, exactamente como transparece na vida, e isso é o segredo maximo da arte do romance». Maurois, o notavel Maurois, sintetizou em poucas palavras o encanto e a originalidade inimitavel do grande romancista inglês. Estamos certos de que nunca se publicou em lingua portuguesa um romance que seja ao mesmo tempo uma obra de arte tão perfeita e uma imagem da vida tão proxima da propria vida. E' vulgar escrever-se que certos romances nos dão a ilusão da realidade: dizer isso do romance *C.* de Maurice Baring, é exprimir qualquer coisa que não chega a traduzir pálidamente a verdade. O leitor de *C.* pode começar por não sentir que está a ler um grande romance. Mas á medida que vai sendo apresentado ás suas personagens e entrando em contacto com a existencia cotidiana de cada uma, principiará a compreender que não só *está lendo* um grande romance como *está vivendo* esse romance. Na vida, os grandes dramas e as grandes tragedias começam da mesma maneira que os conflitos triviais. E' o correr do tempo e o avolumar dos factos que produzem as catastrofes. Eis o que acontece em *C.*, a historia de um rapazinho que veio ao mundo cheio de perspectivas felizes e um amor empeçonhado por uma dessas mulheres como só os romancistas ingleses sabem pintar, arrasta, lentamente, á inanidade e á morte. Dizer que *C.* é uma especie de *Amor de Perdição* do nosso tempo não constitue senão a verdade. *C.* morre, de facto, de amor. Não é, claro, romanticamente, como os herois de Camilo: mas ao fim de uma existencia em que o ludibrio e a perversidade quasi ingenua da mulher a quem ama o reduziu, por assim dizer, a um farrapo humano. Olhando para si mesmo, C. prefere deixar-se morrer a continuar no mundo, onde teria de permanecer eternamente escravo da mulher que o não merecia.

E' bom frisar que a tradução dêste livro apaixonante foi levada a cabo por um dos primeiros poetas modernos portugueses e um dos melhores tradutores que as nossas letras têm conhecido: Cabral do Nascimento. Isto bastará para fazer compreender ao leitor que o encanto que Maurois louvou nesta obra se mantém inalteravel na versão portuguesa. A apresentação da obra é impecavel. A capa de radolfer, belissima. E' um «Romance universal» da Portugalia Editora, a mais afamada colecção de romances que tem aparecido em Portugal.

DEFENDA O SEU ROSTO USANDO PÓ DE ARROZ

Semiramis

UM PRODUTO QUE FEZ UMA MARCA!

DEPÓSITO GERAL:
R. Eugénio dos Santos, 27-3.º
LISBOA—Telef. 25292
Representante no Porto:
A. Lobão de Carvalho
R. de St.º António, 163-1.º
Tel. 2573

AP

CARTAZ

TEATROS

S. CARLOS—A's 21 e 30—«Verde Gaio».
NACIONAL—A's 21 e 30—«Israel».
AVENIDA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«O Zé do Telhado».
MARIA VITORIA—A's 20 e 30 e ás 22 e 45—«Toma lá, dá cá!».
APOLO—A's 21 e ás 23—«Branca por fora, rosa por dentro».
VARIEDADES—A's 21 e ás 23—«As três Marias».
CASABLANCA—Music-hall e variedades.

CINEMAS

S. LUIZ—«A chama eterna».
TIVOLI—«O pirata negro».
POLITEAMA—«O gavião dos mares».
EDEN—«A vingança dos mortos».
TRINDADE—«A's 9 lição de química».
GIMNASIO—«Bel ami».
CONDES—«O grande amor de D. Pedro de Bragança».
COLISEU—«Amor de Perdição».
PALACIO—«Quando elas se encontram...».
ODEON—«Quando elas se encontram...».
CAPITOLIO—«O maluco apaixonado».
CENTRAL—«Era uma vez uma princesa».
OLIMPIA—«Justiça dos homens».
TERRASSE—«Sol de outono».
LYS—«Sol de outono».
REX—«A filha abandonada».
PROMOTORA—«Mariquilla Terramoto».
JARDIM-CINEMA—«O passado não morre».
A VOZ DO OPERARIO—«Namorada».
SALÃO IDEAL.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES
Monitor da clinica de Necerk—Paris
R[illegible] vias urinarias — Venero — [illegible]
R. Nova de S. Domingos, 9, 1.º ás 15 horas
TELEFONE 2 9082

O 100.º SERÃO RECREATIVO

organizado pela F. N. A. T.

Realiza-se no proximo dia 26 o 100.º serão recreativo promovido pela F. N. A. T. e pela Emissora Nacional, que será dedicado ao pessoal da fabrica de loiça de Sacavem. O programa está a ser organizado.

Perolas, finissima imitação, massiças, inalteraveis. Safiras brancas, incomparavel imitação de brilhantes. Colares de perolas cultura e perolas cultura avulso. Pedras de fantasia. Importação direct.

Exclusivos em Portugal da Joalharia Morais
RUA NOVA DO ALMADA, 98

Só a titulo de curiosidade, vale a pena conhecer estas maravilhas de perfeição.

VANTAGEM
O mobiliário e estofos do AO CONFORTAVEL reunem a Arte e Conforto a preços vantajosos
RUA DA PALMA, 109-115

Vacinação e licenças de cães
TRATA-SE EM CASA DOS CLIENTES
Informa telef. 2 7150

BASILISA PEDROSA
Parteira diplomada
Rua Augusta, 275-4.º — Tel. 29607

O «Diario de Lisboa» vende-se em Vila Franca na casa Bico S. Martinho.

RAINHA da HUNGRIA

2 maravilhosos produtos de beleza
UM PARA DE DIA, OUTRO PARA DE NOITE

São produtos
M.me CAMPOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
AV. LIBERDADE, 35-TELEF. 21866-LISBOA

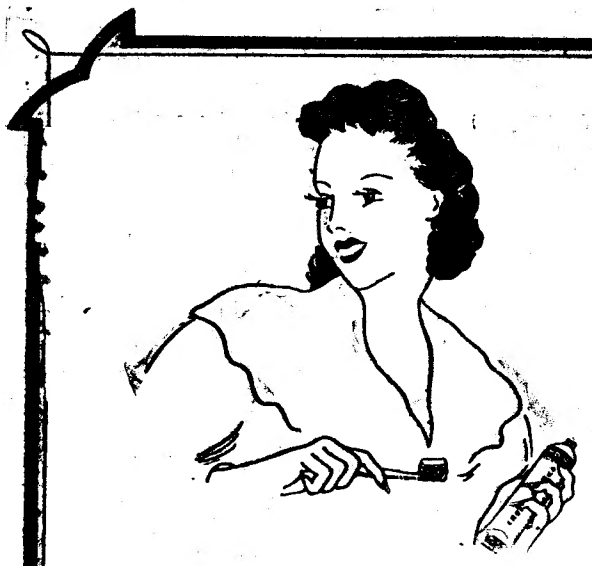
DANÇAR

Aprenda com a professora MARINA e sues ajudantes
R. DA MADALENA, 199, 1.º—Telef. 28555

RILEY INSTITUTE
Linguas vivas e Comercio
R. DO SALITRE, 82

RAPAZES E RAPARIGAS
(Aproxima-se o Carnaval)
Aprendam a dançar, Novo sistema americano. E outros sistemas, ensino rapido em 3 lições, informa R. da Bôa Vista, 124, 2.º (carro á porta).

VASOS OLARIA ADAO—R. Soares dos Reis, 5—Campolide—Tel. 45361



BOCA ESCRUPULOSAMENTE LIMPA
DENTES DE BRANCURA IMACULADA
Só com o uso do inigualavel
CREME DENTIFRICO HOFALI
com base no leite de magnésia
A' VENDA NAS BOAS CASAS

ALTA PERFUMARIA HOFALI PORTUGAL

MODAS

GRANDE LIQUIDAÇÃO
DE TODOS OS SEUS ARTIGOS
CONTINUA ATÈ FINS DE JANEIRO
NA SECÇÃO DE CONFECÇÕES
DOS GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

Companhia Colonial de Navegação

PAQUETE

SERPA PINTO

para **FILADELFIA**

com escala por LEIXÕES sairá no proximo dia 20, recebendo carga e passageiros.

Para tratar:

LISBOA—Rua do Instituto Virgilio Machado, 14
Telefone 2 0051

PORTO—Rua Infante D. Henrique, 9
Telefone 2342

VIDROS

A massa holandesa STOPSTARA tem incontestaveis vantagens sôbre qualquer massa vulgar, para a colocação de vidros em ferro.
Antonio Augusto Pedrosa—R. A Cego, 38, 1.º—Lisboa—N. Telef. 4 0323.

Fabrica de Malhas Diana, Limitada

Por esc. de 28 de Dezembro ultimo, lavrada a fls. 3 v. do L.º n.º 435 das notas dêste cartorio, foi substituido o corpo do art.º 3.º do respectivo pacto social pelo seguinte:

«3.º — O capital social passa a ser de 440.000$00, está inteiramente realizado a dinheiro e nos diferentes bens e valores da sociedade, conforme a escrita, e corresponde á soma das cotas dos socios, que passam a ser as seguintes:

Duarte & Reis, Limitada, 200.000$00;
Simões, Godinho & Comandita, 200.000$00;
Edmundo Inacio, 40.000$00».

Lisboa, 12 de Janeiro de 1944.

O ajudante do notario Dr. Caetano Nunes,
Fernando Soares Carinhas.

+

Ermelinda Lourenço

FALECEU

José Coutinho, Fernando Fonseca, sua mulher e filho, e mais familia participam ás pessoas das suas relações e amizade o falecimento de sua esposa, mãe, sogra, avó e parente, e que o seu funeral se realiza ámanhã, pelas 11 horas, da rua Antonio Pedro, 48, 1.º, para o cemiterio do Alto de S. João.

AGENCIA SALGADO

O segredo dum cabelo sedutor...

V. Ex.ª tambem pode possuir um cabelo sedutor, de tons e brilho fulgurantes, usando a brilhantina **Cliper's**—a que maior renome tem em todo o Mundo.

A brilhantina Cliper's não é obra do acaso; foi especialmente criada para a ondulação—com a colaboração dos melhores tecnicos estrangeiros. Deitada com um pulverizador os cabelos começam logo a encaracolar-se.

Para bons resultados use sempre a brilhantina da côr do seu cabelo.
SEJA MODERNA—**USE «CLIPER'S»**

5 côres **Niagara**—para cabelos pretos. **Cromada**—para cabelos platinados, louros e ruivos. **Montana**—para cabelos castanhos. **Prateada azul**—para cabelos brancos ou grisalhos. **Incolor**—para todos os cabelos. A brilhantina incolor é completamente branca e a sua missão é apenas a de dar bastante brilho aos cabelos, conservando a «permanente» sempre bonita

FRASCO—12$00

A' venda nas boas casas de todo o Pais

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º
TELEFONE 2 6519

Med., coração, pulmões—Dr. A. Narciso, 6 h.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, vias urinarias—Dr. M. Magalhães, 1 h.
Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenças nerv., electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Garg., nariz, ouv.—Dr. Barros Simão, 3 e 30 h.
Doenças sr.as, operações—Dr. C. Afonso, 3 h.
Doenç. das crianças—Dr. Silva Nunes, 5 e 30.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 2 h.
Rais X—Dr. Aleu Saldanha, 4 h.
Fisioterapia—Dr. Mario Jacquet, 4 h.
Analises clinicas.

A Bolsa do Livro

Praça de D. João da Câmara, 4-4.º
LISBOA **TEL. 2 8470**

Compra, vende, troca, empresta e leilôa livros em todo o pais.

INFORMAÇÕES BIO-BIBLIOGRAFICAS, etc.

Unica organização no seu genero

COLIS POSTAIS
FOOD PACKAGES
CIGARETTES & TOBACCO
● Expedimos com rapidez e segurança para todos os paises, produtos autorisados.
CASA LYRA - Rossio, 93 — LISBON